

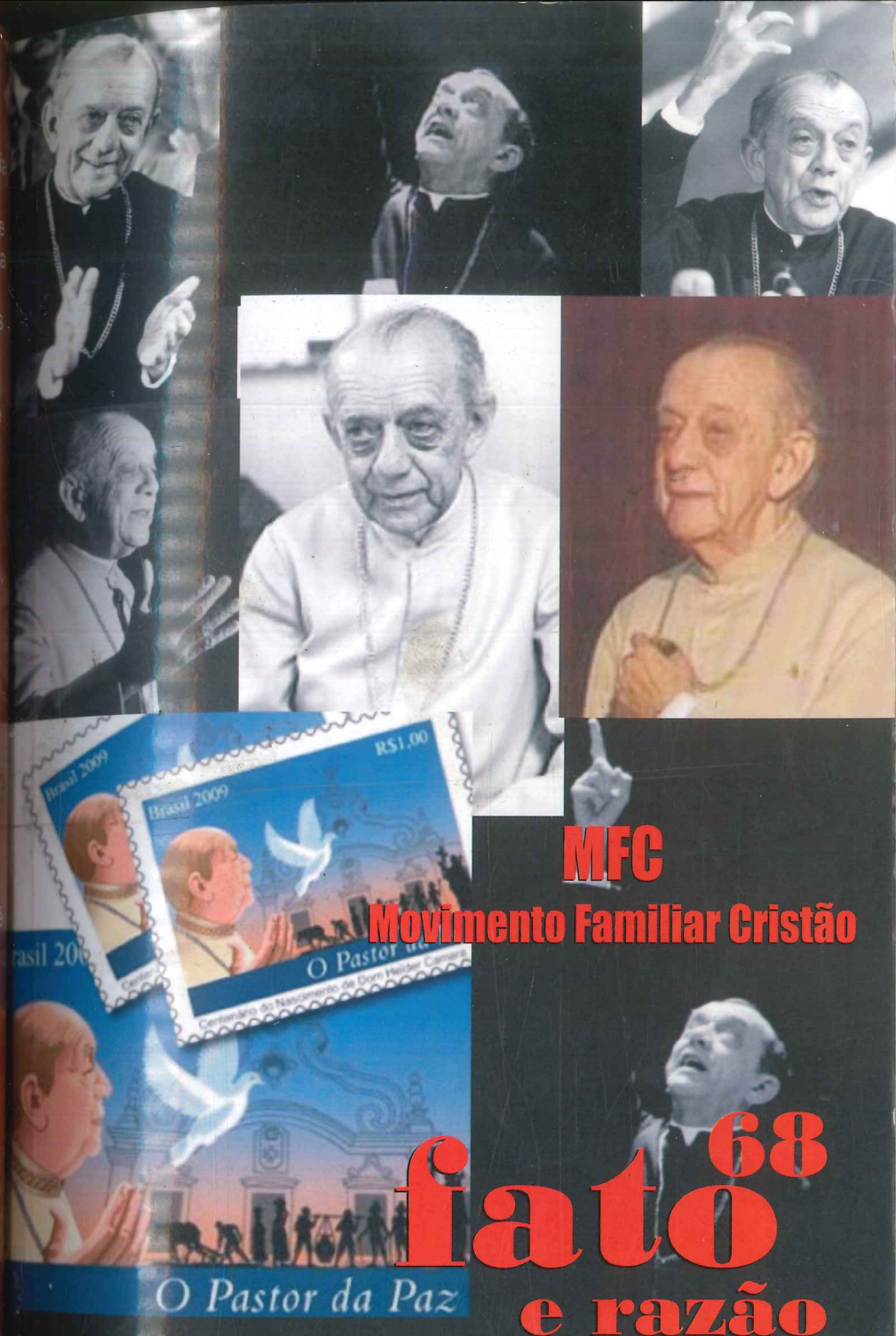
HELIO AMORIM



Espaço, reservado para divulgação de obras de autores mefecistas e de colaboradores da revista.

Havendo interesse, fazer contato com a Distribuidora Fato e Razão (veja endereço, telefone e e-mail no verso desta página).

Este livro pretende ajudar a compreender a essência da fé dos cristãos, que ao longo dos séculos se foi complicando por uma profusão de eruditas interpretações de textos bíblicos extremamente simples. Nesses dois milênios, sucederam-se inúmeros Concílios Ecumênicos que produziram farta doutrina, proclamando dogmas e condenações, influenciados naturalmente pelas culturas de cada época. Toda essa produção foi sendo incorporada à Tradição da Igreja como verdades imutáveis, já que admitir equívocos pareceria reconhecer a falibilidade do Magistério. O resultado é a dificuldade atual que sentem os cristãos, especialmente os pais, para transmitir aos outros e aos próprios filhos a essência da sua fé, despida de tantos mitos e adornos meramente culturais que a obscurecem e complicam desnecessariamente.



MFC

Movimento Familiar Cristão

68
fato
e razão

Recado dos Editores

Com a presente edição abrimos o calendário de 2009 movidos pelo mesmo propósito de fazer uma revista cada vez melhor.

A ênfase do presente número é sobre a Páscoa, momento marcante na vida dos cristãos.

Neste número, que com o carinho de sempre entregamos aos nossos fiéis leitores, procuramos despertar também o interesse pela leitura integral do rico diálogo do eminente Cardeal D. Aloísio Lorscheider com um grupo de estudiosos cearenses, contido nas páginas do livro "Mantenham as Lâmpadas Acesas - Revisitando o Caminho Recriando a Caminhada", para usufruirmos de sua profunda sabedoria.

Complementamos a edição com variados conteúdos de diversos autores que habitualmente prestigiam nossa Revista com suas apreciadas colaborações.

Até a próxima e boa leitura.

fato e razão

Movimento Familiar Cristão
www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional

José Newton e Ariadna Ribeiro
Alzenir e Nereida Lopes
Paulo Roberto e Palmira Ferrari
Adalberto e Sônia de Jesus
A. Anastácio e Claire de Souza
Mozart e Geralda Carvalho

Editoria e Redação

Hélio e Selma Amorim
João e Arlete Borges
José Maurício e Marly Jorge Guedes
Luiz Carlos e Rita Martins
Oscavo e Terezinha Campos
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Maria do Carmo Freitas Schmitz
Itamar David Bonfatti
Rua Barão de Santa Helena, 68
36020-520 Juiz de Fora-MG
E-mail: fatoerazao@gmail.com

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas

Livraria do MFC

Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG
Telefax: (32)3218-4239
E-mail: livraria.mfc@gmail.com

CTP Pré-Flight e Impressão

DI Gráfica
Av. Rui Barbosa 440 galpão 7
36045-410 Juiz de Fora-MG
Tel.: (32)4009-1300
orcamento@digrafica.com.br

Circulação restrita sem fins comerciais

O Castelo, 2 *Editorial*

Mantenham as Lâmpadas Acesas, 4
Apresentação

A Maior Doação, 8 *Roberto Rodrigues*

Agenda Paulina, 10 *Dom Demétrio Valentini*

A Pobreza Social a partir da Bioética, 12
Alexandre Andrade Martins

A Prostituição, Um Problema Político, 17
Frei Jean-Pierre Barruel de Lagenest, O.P.

Amar não é assim tão simples!, 20 *Deonira L. Viganó La Rosa*

Campanha da Fraternidade, 23 *Frei Cristóvão Pereira, ofm*

Desvios e Mudanças, 26 *Marina Silva*

Difícil Escolha, 28 *Cristovam Buarque*

Medo e Esperança, 30 *Manfredo Araújo de Oliveira*

A Dança Amorosa da Vida, 33 *Marcelo Barros*

Para além dos muros das cátedras, 35
Jorge Leão

Paulo, os carismas e a comunidade, 37
Maria Clara Lucchetti Bingemer

Somos Todos Pós-modernos?, 39 *Frei Betto*

Naquele Tempo..., 41 *Pe. Marcos Passerini*

Centenário "Perigoso", 45 *Marcelo Barros*

Temário de Formação, 47 *Secretariado de Formação do CONDIR-Sudeste*

Não Fique Tão Sério, 54

Poema, 57 *Beatriz Reis*

Foto, Fato, Razão, 58

Ressurreição é código de vida, 59
Pe. Dalton Barros de Almeida, CSSR

Mundo: Resgatar o Que Perdemos, 62
Leonardo Boff

Os textos das páginas 10, 12, 30, 37 e 62 foram publicados pelo boletim eletrônico ADITAL.

Data desta edição: Março de 2009

Capa: fotomontagem postada em 4.bp.blogspot.com

O castelo

É o novo símbolo do desgaste preocupante da atividade política em nosso país. O deputado federal dono desse castelo de 36 suítes, terreno de 8 milhões de m2, valendo 25 milhões de reais, - não declarado por ter sido "doador ao filho", deputado estadual -, com um leque de milhares de ações trabalhistas e fiscais contra suas empresas de vigilância, bens bloqueados por sonegação de impostos, foi eleito 2º vice-presidente e corregedor da Câmara. Corregedor é aquele que corrige no parlamento os que cometem algum deslize ético. Logo foi prevenindo que não se punem colegas por causa das relações de amizade que vão se formando pela convivência parlamentar. Por isso sempre votou pela absolvição dos deputados submetidos à Comissão de Ética enquanto foi um dos seus membros. Pela pressão popular e apoio da mídia, acabou renunciando aos cargos e expulso do seu partido.

Ao mesmo tempo, retorna com força total o ex-presidente do Senado, afastado por mau comportamento, que até hoje não conseguiu explicar por que sua esposa comparecia regularmente ao escritório de uma empreiteira para receber o cheque do mês. Transitando com desenvoltura por gabinetes reais foi peça importante na eleição da presidência da Casa. Por outro lado, o ex-presidente da República, cassado, foi eleito para a presidência da Comissão de Infraestrutura do Senado, em espetacular volta por cima, na esteira dos acordos de bastidores para a eleição do novo comando dessa Casa...

Enquanto isso, o presidente norte-americano perde sucessivos assessores por ele indicados para postos importantes do seu governo: um deixou de pagar no passado a previdência de um empregado doméstico; outra empregou em casa uma

imigrante ilegal; há aquele que cometeu o crime de usar automóvel de uma empresa a que prestava consultoria e não pagar imposto por esse benefício indireto. O Congresso de lá barrou as nomeações e o presidente se desculpou. Não pode participar do governo quem tem essas *fichas sujas*...

O contraste dói. O rigor parece excessivo mas é condição para assegurar a credibilidade do corpo político de um país, embora ninguém aposte que o Parlamento de lá seja uma assembleia de anjos. Mas há uma tentativa de preservar um mínimo de decoro. Naqueles mesmos dias, o governador de um importante estado americano, que *leiloava* a indicação do substituto do presidente Obama no Senado, foi sumariamente cassado.

A reforma política aqui de casa deve criar mecanismos mais eficientes para impor esse necessário decoro no desempenho de eleitos ou nomeados nos três poderes. O Judiciário não fica excluído, em vista das centenas de denúncias anuais contra juízes, por venda de sentenças, obstrução encomendada do andamento

de ações e outros deslizes infelizmente comuns. A sociedade é chamada a monitorar o desempenho de todos os que exercem funções públicas.

A imprensa livre tem investigado e denuncia os desvios. Espera apoio popular para fazer mais sonoras as denúncias: cartas a jornais e a autoridades, participação em manifestações populares e em organizações da sociedade, ativamente comprometidas com a ética. Além disso, pode exercer, de preferência em grupos, uma atividade nobre e viável no âmbito de *vizinhança*: a frequência às sessões das Câmaras Municipais para inibir certas práticas comuns de vereadores que agridem a ética, ou representam interesses escusos de grupos econômicos e até mesmo de bandidos e traficantes. Esse monitoramento "perto de casa" todos podem organizar e fazer acontecer. Um desafio para movimentos populares, sociais e eclesiais. Ponto para o bem comum.

***Hélio e Selma Amorim.
Membros do MFC e Editores da
Revista Fato e Razão.**

Mantenham as Lâmpadas Acesas

Revisitando o caminho, Recriando a caminhada

Uma Leitura Indispensável

Durante a Semana Teológica, realizada no auditório do Seminário da Prainha em Fortaleza, no mês de outubro de 2004. Dom Aloísio Lorscheider proferiu palestras sobre os documentos mais marcantes do Concílio Vaticano II e sua influência na vida da Igreja pós-conciliar.

Participando do evento, surgiu-nos a idéia de convidá-lo para entrevistas, a fim de que explicitasse de forma mais aprimorada seus pensamentos, e experiências, como também suas esperanças relativas ao caminhar da Igreja Latino-Americana no período pós-conciliar que se estende até hoje.

Dom Aloísio aceitou prontamente o nosso convite para uma série de entrevistas, mostrando-se interessado na idéia marcando logo as datas para os primeiros encontros.

As entrevistas foram realizadas em dez sessões,

entre os dias 25 de janeiro e 15 de novembro de 2005.

Por que Dom Aloísio?

Todos os que conhecem a história recente da Igreja Católica, isto é, dos últimos cinquenta anos, sabem que Dom Aloísio foi uma das pessoas mais marcantes na construção da história eclesial contemporânea. Como bispo recém-sagrado, participou do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965).

Logo em seguida teve atuação de destaque como Secretário-Geral (1968-1971) e Presidente (1971-1978) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e Pre-sidente (1976-1979) do Conselho Episcopal Latino-Americano. Participou ativamente da II Conferência do CELAM em Medellín (1968), e fez parte da mesa-diretora das Conferências de Puebla (1979) e Santo Domingo (1992).

Mas não foi somente, e talvez nem em primeiro lugar, em razão destes títulos e

cargos, que Dom Aloísio tornou-se marco importante na história recente da Igreja. O testemunho pessoal, a brilhante inteligência, a presença simples junto aos pobres, as posições claras e firmes perante às autoridades civis e militares, o inesgotável volume de trabalho (apesar da saúde frágil), as homilias e palestras inspiradas e inspiradoras, enfim, todas as qualidades de uma pessoa completa, que era, levaram-nos à decisão de que não podíamos perder, nem para o presente e muito menos para o futuro, esse exemplo, esse testemunho de vida, dedicada integralmente à Igreja de Cristo.

O subtítulo do livro ora apresentado, **Revisitando o caminho, recriando a caminhada**, indica o sentido essencial de nosso empreendimento. De um lado procura sinalizar, como temática, uma retrospectiva, uma ida ao passado. Interessava-nos muito mergulhar na experiência de algumas décadas que construíram o rosto da Igreja. Mas por outro lado, não gostaríamos de que tudo que Dom Aloísio tinha a nos dizer se constituísse só como lembrança saudosa de um tempo já passado. Pensamos que esta lembrança pode e

deve ser reativada, tornando-se um caminho a ser retomado, pois nele há elementos ricos o suficiente para traçar uma nova caminhada rumo ao futuro, uma renovação contínua, um *aggiornamento* criativo como um *perpetuum mobile*.

O próprio título do livro, **Mantenham as Lâmpadas Acesas**, leva-nos a acreditar na própria condição de recebermos nas mãos a "tocha" de uma Igreja viva e envolvida na história da humanidade, que clareie nosso caminhar e se torne "luz" de um futuro promissor e "sal" da terra.

As entrevistas abordam os seguintes temas:

A PESSOA

Fala da origem familiar de Dom Aloísio, trajetória pessoal e eclesial, com especial atenção para as grandes e pequena trajetória pessoal e eclesial, com especial atenção para as grandes e pequenas guinadas, os aprendizados, as descobertas.

OS ÚLTIMOS QUARENTA ANOS DA IGREJA, NUMA PERSPECTIVA UNIVERSAL, CONTINENTAL E LOCAL

No segundo bloco memorizamos o tempo conciliar (Concílio Vaticano II) e a herança que este momento

marcante deixou para a Igreja Universal, Continental (América Latina) e Local (Ceará). O capítulo "Perspectiva Continental" é introduzido por um artigo de Padre José Comblin; por sua vez o Padre Manfredo Araújo de Oliveira introduz o capítulo que descreve a "Perspectiva Local." Na entrevista, Dom Aloísio discursa sobre os mais diferentes temas da vida da Igreja, dos rumos da humanidade etc.

O LEGADO DA ESPERANÇA

Neste último bloco ouvimos Dom Aloísio falar das perspectivas que ele sonhava para a Igreja, das esperanças que tinha, deixando uma mensagem de coragem e de fé. Tudo enriquecido pelo testemunho do pastor, que Dom Aloísio foi para tanta gente.

A entrevista vem acrescida de quatro depoimentos. Ana Maria de Freitas escreve sobre Dom Aloísio em relação às CEBs, Padre Marcos Passerini destaca a importância dele para a Pastoral Carcerária, a professora Tânia Maria Couto Maria apresenta-nos a relevante colaboração que Dom Aloísio deu para a Igreja na qual leigos e leigas exercem papel de destaque, e

Wilhelmus Jacobus Absil relata acerca da postura que o cardeal apresentava em relação aos padres casados.

No final do livro consta um glossário de termos, acontecimentos, documentos etc., que necessitam de explicação, os quais vêm marcados, no texto, com um asterisco. relevância sociopolítica e se constituía numa verdadeira reserva espiritual e moral, fonte de esperança e fé num futuro melhor.

Destina-se também a quem deseja participar da construção de um mundo novo e esperançoso, que procura ser a antecipação do Reino de Deus. Enfim, a qualquer pessoa que sente em Dom Aloísio uma fonte de inspiração e força de fé e vida.

O presente livro destina-se a toda pessoa que acredita no valor da caminhada percorrida pela Igreja a partir dos anos sessenta, tempo em que a Igreja Católica exercia acentuada relevância sociopolítica e se constituía numa verdadeira reserva espiritual e moral, fonte de esperança e fé num futuro melhor.

Destina-se também a quem deseja participar da construção de um mundo novo e esperançoso, que procura

ser a antecipação do Reino de Deus. Enfim, a qualquer pessoa que sente em Dom Aloísio uma fonte de inspiração e força de fé e vida.

Fortaleza, Primeiro de novembro de 2006,

Dia de todos os Santos e Santas de Deus e dos homens.

"O GRUPO" (Filósofos, teólogos, religiosos, educadores, sociólogos, profissionais liberais que se constituíram em grupo para a consecução desse projeto)

O livro encontra-se à disposição dos interessados na Livraria do MFC, por apenas R\$ 20,00. Pedidos pelo telefax 32-3218-4239 e pelo e-mail livraria.mfc@gmail.com

Cada família do MFC - uma assinatura por ano!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias:

VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO, UMA ASSINATURA DE

fato e razão

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC

Assinatura anual: R\$30,00 (Trinta reais)(4 números)

Preço para o ano 2009

Distribuidora MFC de Fato e Razão

Rua Barão de Santa Helena, 68 - Juiz de Fora-MG - cep 36010-520

Tel./Fax (32) 3218-4239

**E-mail: fatoerazao@gmail.com
livraria.mfc@gmail.com**

A Maior Doação

Roberto Rodrigues*

Já tratei nesta coluna de temas não-agrícolas e, algumas vezes; até das coisas da alma.

Começo de ano é sempre tempo de reflexão, de assumir compromissos, de prometer melhorar... Por isso, também é hora de botar para fora algumas questões sem nenhuma vinculação com a economia rural.

Na verdade, tudo está muito misturado: o que todo mundo busca, conscientemente ou não, é a felicidade. Claro que, se a situação econômica ou financeira de um indivíduo é ruim, a felicidade vai para o buraco. Portanto não dá para tratar dos temas humanísticos sem ligar para o pragmatismo do dia-a-dia se as necessidades básicas não estiverem atendidas.

Mesmo assim, fui procurar no "Aurélio" o significado de felicidade e lá encontrei uma porção de informações: feliz é quem tem alegria de viver, prazer, satisfação, ventura, contentamento. Depois fui ver o que cada um desses verbetes

representava.. E acabei voltando a uma velha tese: só pode haver isso tudo se as coisas vão bem em três áreas - nas relações afetivas, no trabalho e na vida institucional (interação com organizações às quais as pessoas se associam ou de que participam).

Nas duas últimas - trabalho e institucionalidade -, prevalecem os interesses econômico, financeiro e material. E a luta cotidiana consiste em manter o equilíbrio nessas áreas.

Mas é nas relações afetivas que está a base da felicidade. Se vai tudo bem nas outras funções e a gente está mal com as pessoas amadas, nada fica bom.

Fui de novo ao "Aurélio" para entender melhor o que é amizade e amor, pelo menos etimologicamente, porque o resto a gente sabe porque sente. Amizade é o sentimento fiel de afeição, simpatia, estima ou ternura; implica entendimento e fraternidade. E cada um desses termos tem significados similares. Sempre achei que feliz é aquele que



tem três amigos verdadeiros, uma fortuna. E que amizades definitivas se formam, via de regra, na juventude, quando os pares não sabem de onde vêm, quanto ganham e nem se interessam por isso: o afeto se dá no nível espiritual, não no material.

Mas, e o amor? Ah, é ainda mais que amizade: é o sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem; é dedicação, devoção. Acho que se pode resumir dizendo que quem ama se devota ao bem-estar do ser amado.

Claro que tanto a amizade quanto o amor só triunfam se a base de ambos for feita de respeito e admiração recíproca. Nada destrói mais facilmente uma união - e também uma imagem - do que o desrespeito. Este dá origem a outros sentimentos amargos e trágicos.

Se em geral as amizades mais sólidas nascem na juventude desinteressada, o que se passa com o amor? Só é durável se criado na mocidade?

Também não, de jeito nenhum. Só que é preciso ter

juízo e clarividência para separar o amor da paixão, a chama da brasa. É preciso saber se doar, renunciar a privilégios. É preciso trocar o conforto dolorido da individualidade pela solidariedade. Mas, fundamentalmente, é preciso abrir a intimidade para a amada. E é aqui que reside a grande magia. De acordo com o "Aurélio", íntimo vem da alma, do âmago; intimidade é afeição com confiança ilimitada. Abre-se a alma à pessoa amada, entrega-se a ela, e esta é a maior doação. Nada é mais extraordinário do que a intimidade completa entre duas pessoas que se amam de verdade.

E, quando o amor acaba, nada é mais triste do que não poder seguir compartilhando a própria alma.

**Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior do Agronegócio da FIESP e professor do Departamento de Economia Rural da UNESP - Jaboticabal, foi Ministro da Agricultura (Governo Lula). Transcrito da Folha de S. Paulo de 17.01.2009.*

"Entre a própria hierarquia da Igreja Católica há dificuldades para entender e aceitar o Ecumenismo. Um testemunho disso é o documento Dominus Iesus. Decepcionou os católicos. Não foi oportuno. Um documento além de ser verdadeiro precisa ser oportuno."

A íntegra da mensagem de D.Aloísio encontra-se na obra

"Mantenham as Lâmpadas Acesas"

Agenda Paulina



Dom Demétrio Valentini *

O ano de final oito já vinha carregado de muitas reminiscências históricas. Desde os duzentos anos da chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil em 1808, até a conquista de nossa primeira copa do mundo, em 1958. E daria para respigar tantas outras datas com a marca deste número.

Mas eis que agora se acrescenta outra, que não entrava nos cálculos. Esta com ressonâncias históricas mais amplas. Trata-se do “ano paulino”, a se iniciar agora, no final deste mês de junho, até a festa de S. Pedro e S. Paulo no ano que vem.

Pois bem, pelas contas da história, S. Paulo, o famoso “Paulo de Tarso”, o grande apóstolo que sempre é citado ao lado de S. Pedro, teria nascido nas proximidades do ano oito de nossa era. Entre o sete e o dez. Para acertar na mira, a Igreja decidiu cravar um ano inteiro, da metade de 2008 até a metade de 2009. Em todo o caso, um ano dedicado à memória deste personagem fundamental nos primórdios do cristianismo, em que ele foi, sem sombra de dúvida, uma figura de destaque.

Agora que o “ano paulino” se apresenta, começamos a perceber os múltiplos aspectos deste personagem histórico, que despertam grande interesse na confrontação com o tempo em que estamos vivendo. Vai ser muito bom olhar mais de perto a estupenda trajetória deste judeu, nascido em Tarso, atual Turquia, formado na ortodoxia dos fariseus em Jerusalém aos pés do mestre Gamaliel, perseguidor dos cristãos nos tempos impetuosos de sua juventude, e de repente transformado em ardoroso e destemido Apóstolo de Jesus Cristo, de quem ele tinha pretendido apagar todos os vestígios de memória.

Foi tão importante sua atuação como pregador da nova fé, que indiscutivelmente resultou no seu maior sistematizador. Tanto que muitos historiadores o colocam como o verdadeiro fundador do “cristianismo”.

Este o Paulo que somos convidados a conhecer melhor ao longo deste ano. Oportunidades não vão faltar. Pois são muitos os motivos que estimulam os historiadores a pesquisarem melhor as circunstâncias que envolveram

este homem que mudou radicalmente sua vida, mas nunca deixou de agir com extremada paixão.

Sua história serve, em primeiro lugar, para analisar o processo de sua conversão pessoal, com os preciosos ensinamentos que ela proporciona, num tempo de crise de subjetividade como vivemos hoje. São Paulo nos apresenta um testemunho impressionante de empenho pessoal em trabalhar seu temperamento, para se tornar instrumento mais adequado para cumprir a grande missão que o Senhor lhe confiou. Já valeria um “ano paulino”, só para analisar a trajetória pessoal de Paulo, e captar o comovente exemplo de dedicação total de sua vida à causa do Evangelho.

Mas a trajetória de Paulo tem evidentes conotações teológicas e eclesiais. Foi de todo providencial que a inteligência de Paulo tenha sido colocada a serviço do Evangelho. Mas não só sua inteligência. Sua condição étnica e cultural também. Nascido em Tarso, era cidadão romano, aberto ao vasto mundo do

império da época. Ao mesmo tempo, se formou em Jerusalém, onde captou em profundidade a tradição religiosa de Israel. E se defrontou com a fé cristã no seu nascedouro.

Era a pessoa adequada para libertar esta fé das amarras estreitas do judaísmo, e colocá-la em confronto com a humanidade, à qual ela se destinava. S. Paulo foi o grande protagonista da inculturação do Evangelho no mundo greco-romano.

Aí está o seu mérito maior, e a sua grande atualidade. São Paulo é paradigma do maior desafio que hoje a Igreja está enfrentando. Captar o Evangelho na sua profundidade original, para colocá-lo de novo como fermento transformador da realidade de hoje.

É mais do que oportuno este “ano paulino”! É um convite para alargar nossos horizontes, e perceber como as grandes causas da humanidade retornam com novos desafios, que precisam ser enfrentados com a grandeza de ânimo que sempre animou S. Paulo.

**Bispo de Jales, São Paulo.*

***“A colegialidade é uma grande força para a Igreja.
Seria pena se a perdêssemos ou a enfraquecêssemos.”***

A íntegra da mensagem de D. Aloísio encontra-se na obra “Mantenham as Lâmpadas Acesas”

A pobreza social a partir da bioética

Alexandre Andrade Martins*

A pobreza existente no mundo assombra os olhos de quem é sensível ao sofrimento do semelhante. A situação de miséria, de opressão e de exclusão existente no planeta Terra é de causar arrepios, incomoda alguns, mas infelizmente não passa de um arrepio em outros, que motivados pela ganância consumista do capitalismo e impregnados pelo individualismo são indiferentes ao sofrimento alheio.

Tragicamente a pobreza marca a realidade de algumas nações, sobretudo na África, na América Latina e na Ásia. Uma marca cravada no coração do planeta, que exige uma atitude capaz de mudar tal situação.

A ONU traçou metas para o Desenvolvimento do Mundo na sua assembléia geral de 2002. Seu objetivo principal é reduzir a pobreza no mundo em 50% até 2015. Um grande desafio, um dos maiores da humanidade, para não dizer o maior. Sendo



assim, a bioética não pode ficar alheia à dor dos pobres. A bioética, como um saber interdisciplinar que defende a vida e a sua dignidade, precisa contemplar o rosto sofrido da pobreza, pois aí está a grande ameaça à vida no mundo subdesenvolvido.

Por muito tempo a bioética ficou restrita a uma reflexão ligada ao mundo médico-científico dos países desenvolvidos. Daí nasceu e se consolidou o principialismo, doutrina regida por princípios fundamentais para conduzir as pesquisas envolvendo seres

vivos e a aplicação de novos saberes.

São eles: princípio de beneficência, princípio de não-maleficência, princípio de autonomia e princípio de justiça, que sempre ficou na tangente dos outros três nos países ricos, sendo acionado apenas quando ocorriam expressivas injustiças promovidas na alocação de recursos públicos. O princípio mais reconhecido seria o de autonomia, pois, dentro de uma lógica liberal vivida por esses países, todos têm prioridades sobre si mesmos em vista do bem comum. Esse modelo bioético pouco volta-se para o pobres porque parte de sujeitos sociais em grau de igualdade. O princípio de justiça chega mais próximo da pobreza, mas ficou na tangente.

A bioética extrapolou as fronteiras do mundo desenvolvido e chegou às nações em desenvolvimento e às pobres. Assim ela chegou na América Latina e na África, mas trouxe consigo o padrão principialista, insuficiente para essas realidades marcadas pela desigualdade, pela injustiça e com grande pobreza. Durante anos, a bioética feita no terceiro mundo não olhou para os pobres com um olhar de sensibilidade e não viu aí um campo de reflexão e atuação, porém isso começa a mudar e atualmente damos

destaque para a reflexão bioética feita na América Latina, que começa a dar seus primeiros passos sozinha.

Passos em direção aos problemas sociais e aos pobres. O foco principal da reflexão muda, deixa de ser o que acontece "lá em cima" com as pesquisas científicas referentes à aplicação de novas técnicas acessíveis apenas aos ricos (camada muito pequena na América Latina, cuja principal marca é a desigualdade) e volta-se "cá para baixo", onde estão os sujeitos mais vulneráveis, excluídos dos avanços técnico-científicos, porque não podem pagar pela tecnologia e ainda morrem em filas de hospitais (sem atendimento), de fome e de doenças infecciosas facilmente controladas.

Apenas depois dessa mudança de foco ocorrida na América Latina, podemos falar de pobreza social a partir da bioética, pois antes ela estava em segundo ou terceiro plano para esse saber caracterizado pelo principialismo dentro da elite científica e social. As barreiras de uma bioética elitista estão sendo rompidas, mas ainda de forma tímida. Os pobres ganham centralidade na reflexão bioética, mas, por outro lado, essa reflexão ainda não chegou até eles, não se popularizou,

continua nas mãos de uma elite acadêmica e tem pouquíssima força de intervenção social capaz de transformar a realidade desigual e pobre.

Os interesses das elites, tanto das políticas como dos ricos e das empresas que financiam pesquisas, não estão voltados para combater à pobreza e promover o bem

ciências da saúde, pois não podem pagar pelo saber e não existem políticas públicas equitativas capazes de oferecer um bom atendimento de saúde e satisfazer as necessidades básicas para uma vida digna.

Os pobres clamam por justiça e libertação. Clamores que fazem a bioética dar mais importância para o princípio de



comum. Ainda permanecem centrados no interesse econômico com base única e exclusivamente no lucro e no poder.

Os pobres para a bioética são sujeitos concretamente vulneráveis com a vida ameaçada de todos os lados e excluídos dos benefícios proporcionados pelas descobertas técnico-científicas, sobretudo no campo das

justiça, sem ser principalista, mas que seja capaz de uma intervenção na sociedade orientada para os mais vulneráveis.

Assim começa a falar de uma bioética de intervenção, em defesa dos interesses e direitos históricos das populações economicamente e socialmente excluídas do processo desenvolvimentista mundial (GARRAFA; PORTO, 2003

p.35). Os pobres foram excluídos do desenvolvimento histórico do mundo, o qual evoluiu, mas gerou mais pobreza, miséria e exclusão. Uma evolução para poucos, pois seus benefícios são para alguns enquanto a maioria vive aquém do desenvolvimento, vítimas do poder econômico e da injustiça social.

Em vista da realidade dos pobres, conceitos como equidade, igualdade, justiça social e libertação tornam-se centrais. Reconhece-se e existência clara de uma vulnerabilidade na dimensão social e ela está relacionada à pobreza e à exclusão. No processo desse reconhecimento por parte da bioética latino-americana, temos a contribuição crucial da Teologia da Libertação, uma corrente do pensamento teológico, que para além das fronteiras da religião católica, foi gestada no ventre sofrido dos pobres do continente. Ela fez opção preferencial pelos pobres, mostrou a grande situação de iniquidade existente no subcontinente americano e que algo precisa ser feito em vista da transformação da sociedade, da libertação dos pobres, oprimidos e excluídos. Uma transformação vinda de baixo, dos meios populares, à luz dos direitos à

vida digna, na luta pela libertação e na força da fé. A Teologia da Libertação defende a dignidade dos pobres e vulneráveis e não a faz guiada por proposições abstratas, mas sim apontando os responsáveis pelas mazelas sociais e identificando caminhos para a libertação (SIQUEIRA; PORTO; FORTES, 2007, 175). A bioética nutre-se do diálogo. Assim ocorre no diálogo com a Teologia da Libertação, que temos como fruto o voltar-se para os pobres e fazer opção por eles, por uma vida digna.

A pobreza é um rosto sofrido a ser contemplado pela bioética no mundo inteiro, sobretudo nos países subdesenvolvidos. Algo que leva a uma intervenção na sociedade para a libertação e a vida digna de todos e não apenas dos ricos. Para a bioética, os pobres são a população vulnerável, a qual precisa ser protegida e para a qual precisa devolver os direitos negados pela evolução da história para então chegarmos a uma maior igualdade e, no mínimo, reduzir a pobreza mundial pela metade, como deseja a ONU.

Porém igualdade não é ponto de partida, mas, sim, ponto de chegada para a justiça social e a garantia do direito a uma vida digna. A equidade vem antes para se chegar à

igualdade, pois ela reconhece as necessidades básicas diversas nos sujeitos diferentes e desiguais para atingir objetivos iguais.

Os pobres, a partir da bioética, são os sujeitos mais vulneráveis concretamente existentes no mundo. Eles são lançados nessa situação marginal, ficando entregues à própria sorte e sofrendo as dores de uma injustiça histórica. Sofrem todo tipo de exclusão e opressão; são vítimas da desigualdade e ficam às margens do avanço técnico-científico mundial; estão enfermos e sem atendimento de saúde; vivem em situação

precária de moradia, de higiene e de saneamento básico; sofrem com o desemprego e a carência educacional; são descriminalizados pela cor, pela etnia e pelo gênero e nada conseguem fazer, pois, mantidos na ignorância, são manipulados pela ideologia dominante que está nas mãos dos interesses das elites. A bioética precisa intervir nessa realidade, chegar às camadas populares e formar consciência capaz de levar à luta pela dignidade de todos, com sensibilidade, vigor, coragem, esperança e fé.

** Religioso Camiliano. Filósofo*

“Embora a parcela abastada da humanidade esteja tentando defender seus privilégios pela prática da segregação – fechamento progressivo das fronteiras, protecionismo econômico, condomínios de luxo no estilo de prisões de segurança máxima, gastos exorbitantes com segurança particular -, não vai gozar jamais de verdadeira tranquilidade ou qualidade de vida, nunca poderá parar de sentir medo!”

A íntegra da mensagem de D.Aloísio encontra-se na obra “Mantenham as Lâmpadas Acesas”

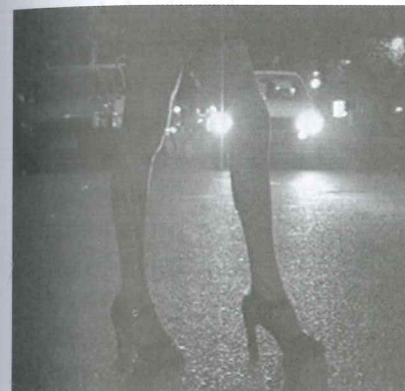
PROSTITUIÇÃO

um problema

POLÍTICO

**Frei Jean-Pierre Barruel de Lagenest O.P.*

Contrariamente ao que se fala com certa leviandade e na realidade para fugir de um grave problema, a prostituição não é nem “a mais velha profissão do mundo”, nem tampouco uma realidade



necessariamente “inevitável”; e isso, mesmo que ela exista há muito tempo e em estruturas sociais e políticas muito diferentes umas das outras. A verdade é que a prostituição é um fenômeno social essencialmente ligado à organização da sociedade.

De fato, a prostituição de mulheres e de crianças desposa sempre as estruturas gerais da sociedade na qual existe. Na sociedade feudal possuía um evidente caráter feudal; nas sociedades corporativas era corporativa, nas sociedades divididas em classes ela tem um caráter de classe; nas sociedades capitalistas ela é ligada ao capitalismo.

Por essa razão, da mesma forma que as estruturas de uma sociedade e sua evolução constituem um problema político para os poderes públicos, assim também a prostituição que lhes está ligada apresenta também um problema político, que tem feição de desafio.

A atitude dos poderes públicos pode ser de repressão ou permissividade, proibição ou favorecimento. Várias razões concorrem para isso:

1. porque não sendo feita uma análise sociopolítica séria, permanece o mito da "prostituição organizada, fenômeno inevitável", como se tratasse de um flagelo sem remédio;

2. porque imaginando-se erradamente que a prostituição organizada responde a uma demanda sexual, da parte da sociedade global, ela

aparece não só como legítima, mas até como necessária ao equilíbrio social;

3. porque se percebe que é muito difícil reintegrar no mercado de trabalho

milhões de pessoas que subsistem graças ao comércio do próprio corpo. Este argumento era muito conhecido, embora sob uma outra forma, há pouco mais de um século, quando da abolição da escravatura.

É a própria estrutura de nossa sociedade de mercado que dá ao fato prostitucional suas características e sua

amplidão, de acordo com a lei da oferta e da demanda. Provocar uma necessidade, para depois propor satisfazê-la, é uma das molas essenciais da sociedade de consumo. Quer se trate de uísque ou de sexo, o mecanismo é idêntico. Uma moça, uma mulher, uma criança, chega a se prostituir porque conheceu e conhece muitas dificuldades para a



própria sobrevivência e, não raras vezes, também a de sua família. Sente-se compelida a assumir essa situação.

Se as mulheres prostituídas reivindicam às vezes a

liberdade de se prostituir, não estão nisso totalmente erradas. A verdade é que não lhes foi oferecida outra opção para se manterem a si mesmas e a seus filhos.

A prostituição organizada que conhecemos hoje é essencialmente um fenômeno econômico porque não passa de um negócio ligado ao lucro desigualmente

dividido entre sua vítima, a mulher e a criança prostituídas, e aqueles que a exploram, isto é, toda a hierarquia dos "cáftens" que se impõe pela força de uma pseudo-autoridade. Nisso a prostituição é expressão de uma determinada estrutura social, na qual a pessoa prostituída é vivida tanto "a serviço do homem" como "a serviço do dinheiro".

Aliás, não é qualquer categoria de pessoa que cai dessa maneira a serviço dos homens. As mulheres e as crianças prostituídas, na sua quase totalidade, vêm dos estratos mais pobres da população: estão a serviço dos homens que as podem alugar.

No caso específico das crianças, talvez seja mais

exato falar de "exploração sexual", pois se trata habitualmente de crianças que não conhecem seu genitor, e cuja mãe fica fora de casa o dia todo. O menino ou a menina não têm nenhum modelo de referência com quem identificar-se. É raríssimo encontrar homossexuais por opção entre as crianças de rua. Aceitam convites de adultos para sobreviver ou para comprar drogas. O dia que houver trabalho suficientemente remunerado para o pai, escola para as crianças e casa para a família, não haverá mais prostituição de criança.

**Frei dominicano*

"Agora, a grande maioria das pessoas, hoje, espera do recurso ao sagrado, em primeiro lugar, proteção e defesa contra todos os males. A motivação religiosa encontra-se muito mais próxima do medo e da insegurança do que da convicção e do compromisso."

A íntegra da mensagem de D.Aloísio encontra-se na obra "Mantenham as Lâmpadas Acesas"

Amar não é assim tão **simples!**

* **Deonira L. Viganó La Rosa**

Nada mais desejável do que amar e ser amado. Entretanto, certas formas de amor podem ser nocivas, por vezes até destrutivas, já que não se pode confundir conceitos como dependência e amor, posse do outro e amor, desejo do outro e amor. Como a boa semente e o joio, esta busca afetiva que leva à posse se mistura com o respeito ao outro, o cuidado em entendê-lo e vê-lo crescer.

Aliás, alguém pode ser amoroso, sem sentir-se dependente? Como não ter desejo de possuir o ser amado e como não ter medo de perdê-lo? - Eis aí o desafio!!

Por que meu parceiro me escolheu e por que o escolhi?

Será útil que descubras o que no teu parceiro tanto te encanta e, paralelamente, procures compreender o que em ti fez com que ele te escolhesse. Porque a escolha amorosa não é aleatória, mas é, freqüentemente, fruto de

movimentos inconscientes que a tornam assim tão misteriosa. A escolha afetiva de um adulto é nutrida pelo seu passado: Depois de seu nascimento, nele são impressos prazeres, alegrias, ofensas, sofrimentos, revoltas, os quais engendram necessidades de compensação ou desejos de reparação. Tudo isto, ele espera realizar no seu cônjuge. Estas necessidades latentes e inconscientes não podem ser administradas se não forem reconhecidas pelos dois cônjuges, mas, com freqüência, vemos que cada qual reconhece melhor as de seu companheiro que as suas próprias, donde a importância do diálogo entre os dois. É o caso, por exemplo, de uma jovem mulher que escolheu um marido mais velho, tranquilizador e protetor: Ela encontra, enfim, no seu companheiro, a segurança da qual a privou um pai irresponsável. Mas, assim tranqüila, suportará ela muito tempo sua posição de criança?

Seu marido-pai compreenderá a ambivalência de seu pedido: Ser protegida, enquanto reclama sua autonomia? Saberá ele favorecer sua emancipação, sem ter medo de perdê-la?

Afrontar as realidades ao invés de ocultá-las

Um casal nasce sempre no encontro de duas histórias que desejam entremear-se. Assim nasce a certeza de que um é feito para o outro. Este encantamento, esta impressão de predestinação são vivências emocionais intensas que, restaurando o narcisismo de cada um, criam a união do

casal. O perigo destes tempos sonhadores está em que eles induzem cada cônjuge a negar aquilo que, em ambos, iria ao encontro do amor engajado. Portanto a capacidade de reconhecer no outro a divisão, por pequena que seja, que incomoda, desgosta, inquieta, e de dizer-lhe isto, é um elemento importante na

construção do casal.

Porém, falar daquilo que desagrada quando temos tantas coisas agradáveis a dizer, arriscar destruir as boas imagens de si, será mesmo necessário? Vemos jovens casais renunciarem a este diálogo verdadeiro e, para conter suas inquietudes, esperam a mudança do outro segundo seu bel prazer. Eu



penso em uma mulher que escolheu desposar um homem que ela sabia que bebia, com a convicção de que seu amor o curaria. Mas, o amor não dá poder de mudar o outro, nem de sará-lo. Claro, na descoberta amorosa, certos comportamentos

podem se modificar: as mulheres podem acompanhar seu marido no futebol, os homens podem acompanhá-las nos shoppings. Mas, se eles não encontram nenhum prazer nessas mudanças, eles as abandonarão ou as viverão com contrariedade.

Quanto às mudanças profundas, a cura dos

convocado para ser Profeta: que seus direitos, sua vida, sejam respeitados através de um ordenamento social justo e humano (Joel 3).

O Estado, os governantes não passam de representantes do Povo, e a seu serviço devem estar; ganham para isso. Para tanto pagamos impostos.

A CF, iniciada em 1964, tendo como objetivos permanentes:

a) despertar o espírito comunitário e cristão no povo de Deus, comprometendo, em particular, os cristãos, na busca do bem comum;

b) educar para a vida em fraternidade, a partir da justiça e do amor, exigência central do Evangelho:

c) renovar a consciência da responsabilidade de todos pela ação da Igreja na evangelização, na promoção humana, em vista de uma sociedade justa e solidária (todos devem evangelizar e todos devem sustentar a ação evangelizadora e libertadora da Igreja). (Cf. "Texto-Base", 2009, 163).

A CF teve sua evolução histórica: três etapas que foram se sucedendo:

1) A dimensão individual: um apelo de conversão contínua do cristão aos valores evangélicos fundantes: justiça, amor.

2) A Igreja como Povo de Deus em contínuo processo de conversão, de mudança, de maior fidelidade à praxe de Jesus de Nazaré. "Ecclesia semper reformanda est": A Igreja deve estar sempre em processo de mudança para corresponder aos apelos dos "Sinais dos Tempos", verdadeiros "lugares teológicos", onde Deus sempre nos interpela.

3) Compromisso com o Social, com a Justiça Social. Destaca um fator social que constitua em verdadeiro e real impedimento para que avancemos no processo de construção de um mundo, uma sociedade, uma política, uma economia mais coniventes com os desígnios de um Deus que é Pai, um Deus que é mãe e que ama e quer o bem a todos; mas, preferencialmente, a quem não é gente, pessoa, cidadão, irmão; isso devido a condicionamentos sociais.

Eu diria mais: devido às estruturas viciadas e perversas do mundo, da sociedade que criamos.

O texto-base analisa as mais variadas manifestações de violência:

- Violência estrutural
- Violência física
- Violência simbólica
- Violência no meio familiar
- A violência contra o nascituro e a mãe

- Os meios de comunicação social
 - Violência e os grupos sociais
 - Violência do racismo
 - Violência no campo
 - Violência contra os povos indígenas
 - Violência no trânsito
 - Violência contra a natureza
 - Violência contra os defensores dos direitos humanos
 - Violência policial e violência contra os policiais.
- Porém, uma observação faz-se necessária: há uma condicionante maior, dela decorrem todas as demais manifestações de violência.

É a violência estrutural e estruturante de uma sociedade calcada na propriedade, no mercado, no lucro (mais-valia), na concorrência. Em Política denomina-se Liberalismo, Neoliberalismo. Em Economia: Capitalismo, Economia do mercado financeiro especulativo.

Se não erradicar o mal maior, o sistema capitalista, violento, desumano, a-ético, necrófilo e assassino de milhões, estamos nos iludindo a nós mesmos.

Uma nova organização política a nível mundial (geopolítica); uma nova forma de organizar a economia, também, a nível mundial

(Economia Solidária e Sustentável) nos perde em soluções pontuais! Os Foros Sociais em suas diversas concretizações batem nessa tecla como tema e lema: "Um outro mundo é possível e necessário"!

O quê fazer? Já advertia Lênin!

A Ecologia cunhou um princípio esclarecedor: "Ver globalmente e agir localmente".

Toda ação pública, toda e qualquer forma de Política Pública, para quem tem um mínimo de consciência crítica, tem como estratégia o Socialismo; como tática, como instrumento, mediação uma ação social que conscientize, mobilize e articule o povo no intuito de conquistar o Poder, o Estado para transformá-lo em propulsor de um novo regime político, de um novo sistema econômico.

Dentro destes parâmetros a CF tem sua razão de ser e pode-se transformar num oportuno e inteligente instrumento de evangelização nos tempos atuais.

**Frei Cristóvão Pereira, ofm.
Convento S. Francisco das
Chagas, BH, MG. 20/01/2009,
dia da posse B.Obama.
freicristovao@gmail.com*

DESVIOS & MUDANÇAS

**Marina Silva*

Qualquer mudança é, em seu começo, apenas um pequeno desvio da rota até então considerada principal. Esse foi o centro das ideias que Edgar Morin, um dos maiores cientistas que analisa o pensamento complexo, expôs no seminário de que participei em Niort, pequena cidade no sudoeste da França, cujo tema era "Para além do Desenvolvimento Sustentável".

Segundo Morin, vários desses pequenos desvios acontecem, mas nem todos prosperam. Muitos refluem ao leito anterior, deixando apenas vestígios. E, entre os que avançam, alguns podem se agigantar de tal modo que passam a ser a grande mudança, aquela a partir da qual haverá um corte estrutural, gerando a necessidade de novos padrões e alinhando o pensamento

humano a novos objetivos, novas escolhas existenciais.

Dessa visão se depreende que a força para ajudar a prosperar ou inibir certos desvios advém do plano da filosofia, dos valores existenciais e éticos. Para quebrar a lógica econômica, aparentemente inexpugnável, que domina nossas sociedades desde que o sistema mercantilista se impôs como a grande mudança de séculos atrás, é preciso ter alternativas, mas, antes, é preciso um querer coletivo, sem que isso signifique a supressão dos indivíduos.

Perguntei a Morin, como fazer para que um olhar e uma escuta diferentes identifiquem os primeiros sinais de que se está diante de uma grande mudança, sabendo diferenciá-la de simples ruídos

recorrentes do atual sistema. Já nos acomodamos tanto com a direção por onde corre o leito do rio que temos dificuldades de enxergar outros caminhos possíveis. Para esse aprendizado, a ciência é importante, mas não basta. Ela precisa da companhia da intuição, da coragem e da prevenção. Como ensinam os grandes cientistas, a ciência jamais oferecerá 100% de certezas. Por isso, jamais poderá prescindir da ética e da política para refletir sobre riscos prováveis e caminhos desejáveis, do ponto de vista do bem comum. Em um tempo relativamente curto, a escala de crescimento da população passou de milhões a bilhões. Até a década de 1950, éramos 3 bilhões. Hoje, somos o dobro e a idade média da população

está aumentando.

O peso desse envelhecimento pode ser visto em vários sentidos. O do esgotamento dos meios naturais, o do acúmulo de estruturas materiais, o da inércia em percorrer caminhos já obstruídos.

Apenas com criatividade e maturidade será possível perceber e produzir os desvios para novas perspectivas em que nosso estilo de vida não se constitua em risco para nosso futuro.

**Ex-Ministra do Meio Ambiente do Governo Lula.*

Transcrito da Folha de S. Paulo de 15.09.08

"Nada é mais difícil de realizar, mais perigoso de conduzir ou mais incerto quanto ao seu êxito do que iniciar a introdução de uma nova ordem de coisas, pois a inovação tem como inimigos todos aqueles que prosperaram sob as condições antigas e como amigos todos aqueles que podem se dar bem nas novas condições."

Niccolò Machiavelli

Difícil Escolha

*Cristovam Buarque**

Em sua autobiografia, o escritor russo Victor Serge escreveu que nos idos de 1933, na URSS stalinista, “não havia um único adulto pensante que alguma vez não tenha achado que podia ser fuzilado”. Nesse Brasil atual, não existe um único adulto pensante que alguma vez não tenha achado que está embrutecido, moral ou intelectualmente, ou ambos. Perdemos a capacidade de sentir e sofrer com o que se passa ao redor, ainda mais de usar o sentimento para lutar por mudanças na realidade.

Embrutecemos-nos diante da desigualdade, da corrupção, da incoerência na política, do atraso educacional, sobretudo com a violência generalizada. E ficamos sem entender o porquê dessas deficiências, apesar do crescimento, da democracia, da eleição de partidos e de líderes portadores de esperança.

Até algum tempo atrás, sentíamos e tínhamos propostas: democracia, desenvolvimento, socialismo. O embrutecimento não ocorria porque explicávamos, propúnhamos e a esperança nos aliviava.

Depois de termos conseguido desenvolver e fazer do Brasil uma potência mundial na economia, termos eleito um presidente vindo das camadas mais pobres, com um discurso radicalmente diferente de todos os anteriores, substituindo outro que também vinha da esquerda, só nos resta o embrutecimento intelectual ao olharmos ao redor e percebermos que nada mudou na estrutura social do país. Continua a exclusão social, a violência urbana, a instabilidade financeira e fiscal. Ainda mais grave, faltam bandeiras, os partidos ficaram iguais, os políticos também.

Quem não se sentiu bruto uma outra vez ou quase sempre ao olhar de dentro do ar condicionado do carro para os meninos pobres perdidos, pedindo esmolas, cheirando cola, ou simplesmente deitados na calçada ao lado dos pais? Salvo alguns que nem ao menos sentem, não há quem não se sinta bruto uma ou outra vez ao saber que no Brasil, 60 crianças abandonam a escola a cada minuto do ano letivo. Que apesar de, felizmente, haver políticas públicas, de

transferência de pequenas rendas, a concentração de renda não muda, a desigualdade não diminui e a pobreza não reduz a níveis que aliviem nossa brutalidade. O sentimento de embrutecimento vem da aceitação do noticiário diário sobre queima das florestas, morte de jovens, consumo de drogas, miséria, atraso, corrupção. Ao lado do embrutecimento moral que nos permite viver na sociedade brasileira como ela é, há um embrutecimento intelectual que nos impede de entender a realidade ou nos faz usar uma lógica esdrúxula toda vez que tomamos decisões.

Não conseguimos entender a nossa estrutura de classes, tanto que inventamos o conceito de “carros populares”; nem a estrutura de nossa economia, tanto que falamos em meio ambiente e gastamos bilhões de reais do setor público para aumentar as vendas de automóveis; nem o funcionamento de nosso sistema judiciário, tanto que temos surpresas com as prisões de pobres que roubam manteiga e a liberação de ricos que roubam bilhões; não entendemos mais como funciona a política, tanto que as posições de um dia não

valem no outro, o prometido na eleição não vale no governo.

O embrutecimento termina nos dando saudades do tempo descrito por Victor Serge. Havia naquele tempo, pelo menos, o sentimento heróico do risco do fuzilamento. Talvez a democracia seja nossa única conquista, livrando-nos dos fuzilamentos, mesmo assim, não há um adulto pensante neste país que alguma vez não tenha achado que pode ser assaltado com todas suas conseqüências, inclusive o fuzilamento por policiais perseguindo bandidos ou por balas perdidas entre eles.

Difícil escolher entre o risco do fuzilamento e o risco do embrutecimento. O primeiro tira a vida de um ser humano, o outro, a dignidade de ser humano. O primeiro exige coragem física, o segundo rouba a coragem intelectual e moral.

Que 2009 chegue sem o risco e sem o embrutecimento. E que o fim do embrutecimento nos dê a lucidez para entender a realidade e formularmos alternativas, e uma ética que nos faça ter coragem intelectual e moral.

** Senador (PDT-DF)*

Publicado em O GLOBO de 03.01.09

medo e ESPERANÇA

*Manfredo Araújo de Oliveira

A humanidade inicia o novo ano ameaçada por um grande risco: o medo que encontra sua raiz na previsão de que 2009 significará o aprofundamento da hecatombe econômico-financeira que marcou os últimos meses do ano passado

o que certamente implicaria em maior dor e sofrimento para milhões de pessoas, em maior degradação dos ecossistemas e em aceleração do aquecimento global.

Neste caso o medo é muito profundo, pois uma das metas fundamentais do neoliberalismo, que foi a visão de mundo hegemônica nas últimas décadas, consistiu em nos convencer de que o funcionamento da economia

moderna, extremamente complexa, e de modo particular do sistema financeiro, não é acessível às pessoas comuns, portanto, às organizações da sociedade civil, aos partidos políticos etc., mas somente às pessoas, que investem em

seus diferentes setores e que já adquiriram grande experiência, e a alguns economistas altamente qualificados.

Ora, o medo se intensifica frente ao

ignorado, ao misterioso, e seu efeito é trágico na vida humana: o convencimento de que a ação humana no sentido da transformação desta realidade não passa de uma ilusão. É como se dissesse ao ser humano: sua pretensão de ser ator de sua própria práxis,



sujeito de sua vida e de sua história, é apenas de um sonho inútil.

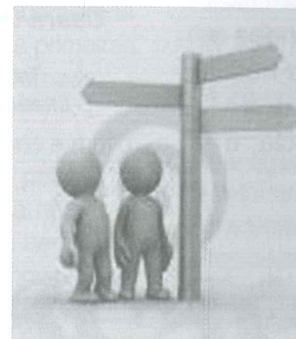
A sabedoria verdadeira consiste em aceitar com humildade o peso desta força que se impõe sobre nossas vidas independentemente de nossas vontades. Assim, a barbárie que se sobrepõe à vida de tantos é inevitável. Deixar que o medo tome conta de nossas vidas e que destrua fundamentalmente a vontade de planejar e construir um mundo diferente pode ser a grande tentação deste momento de crise e isto já constitui uma doença muito perigosa para a humanidade como

nos disse o pensador francês E. Mounier : *"... a ansiedade, o temor do que está por vir, já são doenças. A esperança ao contrário é, antes de tudo, um apaziguamento do eu. A esperança afirma a ineficácia última das técnicas na resolução do destino do homem: ela se situa no oposto do possuir, da indisponibilidade. Ela faz crer, ela dá tempo, oferece espaço para experiência em curso. A esperança é o sentido da*

aventura aberta, trata generosamente a realidade, mesmo se esta parece se opor aos próprios desejos. A esperança se introduz na condição mais profunda do homem. Aceita-la ou rejeitá-la é aceitar ou rejeitar ser homem".

O verdadeiro desafio do novo ano não deve ser o medo, mas a esperança, portanto, a vontade firme, pessoal e coletiva, de partir

decididamente nos diversos âmbitos da vida individual e coletiva para a deliberação, o planejamento e a construção de um mundo humano. Este certamente não vai brotar de medidas que procuram salvar ou corrigir um sistema



iníquo que gera tanto sofrimento aos seres humanos e que destrói a terra. Tomás de Aquino já nos ensinou que a esperança significa uma orientação profunda que encaminha toda a vida na direção de uma meta sublime que parece, contudo, alcançável através de um esforço sério.

Talvez uma primeira coisa nesta direção consista em reconhecer que a crise não é somente econômico-financeira,

mas uma crise que toca o ser humano em seu cerne: na concepção que tem de si mesmo e de sua vida. O materialismo, que está na base deste mundo que construímos, nos levou a pôr na acumulação de riquezas materiais a razão de ser última de nossas vidas e gerou grandes abismos: o abismo dos seres humanos entre si através de inúmeras formas de injustiça e o abismo entre o mundo humano e a terra.

Tudo isto nos conduz a um vazio espiritual que nos impede de perceber que a crise, em última instância, é

uma crise de sentido, uma crise de espiritualidade que só se resolve com uma revolução espiritual que nos possa conduzir a outros sentidos para a vida humana, para sua convivência no mundo humano, para seu relacionamento com a natureza e para sua comunhão com o Sagrado.

***Filósofo, Teólogo, Professor da Universidade Federal do Ceará/UFC**

Transcrito do Boletim da Rede de Cristãos das Classes Médias de jan. 2009



“É óbvio que no nosso mundo capitalista se prefira falar em desenvolvimento e se considere o sistema em que vivemos mais ou menos equilibrado socioeconomicamente, politicamente, etc. Mas, na verdade, não é. Este é o grande problema: há muita opressão! Milhões de pessoas não conseguem participar do desenvolvimento econômico, social e cultural em pé de igualdade.”

A íntegra da mensagem de D.Aloísio encontra-se na obra
“Mantenham as Lâmpadas Acesas”

A Dança Amorosa da Vida

Marcelo Barros *

Quando, após meses de seca, a primeira chuva desperta a semente no campo e enche de verde a paisagem da Terra é como se toda a vida acordasse para celebrar a energia amorosa que fecunda o universo. No Centro-oeste, isso acontece em setembro com as primeiras chuvas da primavera. No sertão do Nordeste, ocorre nesta época do ano. Os mais velhos consideram o 19 de março, véspera do início da primavera no hemisfério norte, a data limite para as primeiras chuvas, indicio de boa inverno durante este ano.

Hoje, este calendário é muito relativo. A Terra, agredida pelos projetos anti-ecológicos, já não obedece mais a estações bem delineadas e precisas. Chove quando não deveria e faz seca quando se espera chuva. É como um protesto da Terra por ver uma sociedade que consente em destruir o planeta para a conveniência e o lucro de uma minoria, ao mesmo tempo que convive com situações de profunda injustiça com mais de dois terços dos seres humanos que sobrevivem em condições de miséria. E a realidade sócio-econômica se agrava ainda mais do que há dez anos. O desemprego e a violência aumentam. Por causa disso, explodem guerras e violências em todo o planeta. Como ajudar a humanidade a entrar na dança amorosa e solidária da vida que se renova nesta mudança de estação?

As culturas antigas faziam isso através do rito. Encenando os antigos mitos e retomando a história dos seus heróis, as comunidades renovavam a esperança e encontravam força para renovar o caminho. Foi assim que surgiu a festa da Páscoa que a tradição judaica chama de “Pezah zeman herutenu” : “a estação da nossa libertação”. O cristianismo fala de “Semana Santa e festa da Ressurreição”. A forma e o conteúdo das celebrações variam, mas a raiz é a mesma. Os cristãos herdaram a Páscoa do judaísmo. As comunidades judaicas a receberam de antigas religiões nativas que festejavam a primavera e agradeciam a Deus as primeiras crias do rebanho, ou as espigas novas da plantação.

A Páscoa judaica tornou-se a comemoração da noite em que, conduzidos e animados por uma força divina, os hebreus conseguiram se libertar da escravidão do Egito. Cada ano, novamente, as comunidades judaicas fazem a ceia pascal para recordar a libertação social e política do seu povo. Mas, a ceia pascal faz recordar também a vocação de cada pessoa para libertar-se de tudo que a torne menos humana e verdadeira. Os rabinos judeus diziam que, através da Páscoa, Deus diz a cada pessoa humana que ele ou ela é um rei ou rainha, isto é, tem uma nobreza fundamental que precisa ser resgatada.

Os cristãos celebram em comum com nossos irmãos judeus essa memória da libertação do povo antigo. Lêem o Êxodo e cantam o mesmo cântico de Moisés, mas unem a esta recordação antiga o memorial da morte e ressurreição de Jesus Cristo. A ceia pascal é lembrada na ceia que Jesus celebrou com seus discípulos para renovar nas comunidades a vocação da solidariedade e da partilha da vida. A sexta-feira santa recorda a doação que Jesus fez de sua vida e nos faz olhar, hoje, povos inteiros que são crucificados pelo Império e que, como Jesus, resistem e procuram ressuscitar. Por isso, a mais importante celebração cristã da Semana Santa é a Vigília Pascal, na noite do sábado para o domingo.

Para os antigos pastores, uma comunidade cristã podia não celebrar a ceia do Senhor na 5ª-feira santa e mesmo não se reunir para a memória da paixão do Cristo na 6ª-feira santa. Entretanto, não deveria deixar de festejar a Páscoa da ressurreição no sábado à noite ou no domingo de madrugada, antes do sol nascer. É o mais antigo culto cristão, vivido desde os tempos das catacumbas, quando a comunidade se reunia nas madrugadas de domingo, para reviver a esperança pascal. No século IV, Santo Agostinho dizia que a Vigília Pascal, na madrugada do domingo da ressurreição, é "a mãe de todas as vigílias da Igreja".

Em uma sociedade pluralista e secularizada, estes ritos de caráter religioso já não conseguem mais dar sentido à vida como continuam

dando às pessoas que vivem uma cultura ainda cristã. A sociedade atual tem outros ritos não religiosos, mas igualmente simbólicos. Para muitos jovens, participar de um show de algum/a cantor/a de sua predileção é uma verdadeira catarse litúrgica. Para grande parte da humanidade atual, os fóruns sociais, temáticos, regionais, ou o Fórum Social Mundial, têm um sentido muito semelhante ao que, conforme a tradição judaico-cristã, a festa de Páscoa nos convida: nos recordar que um novo mundo é possível e já está em processo de nascimento.

Nas celebrações pascais ou nos fóruns laicais, o importante é colaborar com o projeto da esperança de uma renovação da vida e do mundo. As celebrações pascais e os fóruns sociais serão eficazes se as pessoas que deles participam encontrarem formas de solidariedade e organização que ajude a humanidade a se libertar da crueldade do sistema sócio-econômico atual. Nenhum rito litúrgico, como também nenhuma reunião ou fórum vai magicamente transformar o mundo. Mas, pode ser um ensaio ou como dizem os judeus a respeito da Páscoa: "uma estação da nossa libertação".

Os cristãos viverão isso recordando uma palavra de Jesus que, conforme o evangelho, foi dita no contexto da Páscoa: "Filhinhos, no mundo vocês sempre terão aflições. Tenham coragem: eu venci o mundo" (Jo 16, 33).

**Monge beneditino e escritor*



para além dos muros das cátedras...

*Jorge Leão**

Precisamos sair dos guetos acadêmicos que nos mantêm distantes da realidade da vida. Um "intelectual" que se confina a seus manuais de pesquisa perde-se no mar de seu preciosismo acadêmico. Este é o intelectual com o uso das aspas...

O mundo exige respostas. A natureza clama por soluções para os problemas que nós humanos, ditos "racionalis", causamos a ela. Nossos preconceitos, arraigados na idéia classista de uma escola para poucos, geram mais barreiras e entraves diante da escassa oportunidade de acesso ao concorrido mundo do trabalho.

É extremamente oportuna a inserção dos intelectuais (agora sem aspas) nos meios de comunicação, a fim de resgatarem o valor educativo do conhecimento e de seu papel na vida política e na cidadania. Nossos jovens

crescem no medo e na incerteza, repletos de dúvidas e perdas. Ora, se o conhecimento realiza a busca pelo entendimento da realidade, não é possível pensar o professor fechado em seu hermetismo teórico, alimentado pela vaidade de seus títulos acadêmicos, que serão futuramente devorados por traças e cupins...

Necessitamos levar a filosofia à praça. A esfera da liberdade pública anseia por filósofos engajados. Assim também a ciência precisa respirar ares para além dos muros da academia. Precisamos de artistas engajados, formando platéias desde a infância. A alegria da vida necessita de mãos disponíveis para que novos sorrisos surjam.

Estamos vivendo num mundo de queixas, em que a violência e a descrença invadem nossas consciências, inibindo que sonhos e utopias

rejuvenesçam nosso espírito. O muro das lamentações cotidianas se reveste de uma blindagem ideológica, preparada a todo instante para anestesiar a mente dos ouvintes. É necessário um esforço conjugado entre famílias e escolas, igrejas e associações de bairro, agentes culturais e governo, para que, desde cedo, nossas crianças possam descobrir a importância da filosofia, da ciência, do esporte e da arte em suas vidas.

Por isso, a linguagem acadêmica, em diálogo permanente com os diversos seguimentos sociais e políticos, deve se fazer próxima dos mais distantes. Não admitir que a melhor estratégia será sempre a explanação de um discurso prévio, enclausurado em si

mesmo pelos ditames de um racionalismo míope e indiferente aos fracassos e utopias de nosso dia-a-dia.

Necessitamos de uma leitura viva. Necessitamos de conhecimento permanente e atuante. Apostamos no risco dos intelectuais que almejam sempre ares mais rarefeitos. Os ares das montanhas geladas, como diria Nietzsche. Neste caminho, não haverá espaço para condecorações e vaidades inócuas. Ao contrário, nas veredas desta vida arriscada, será necessário um suor sagrado, repleto de disposição ao serviço por espaços de aprendizagem recíproca

**Professor de Filosofia do
CEFET-MA e membro do
Movimento Familiar Cristão, em
São Luís - MA.*

“É possível que ainda presenciemos, por um curto período, uma atitude magisterial mais impositiva; mas a própria humanidade caminha, a meu ver, para a maioridade psicológica e para a época da soberania da consciência.”

A íntegra da mensagem de D.Aloísio encontra-se na obra “Mantenham as Lâmpadas Acesas”

Paulo, os carismas e a comunidade

*Maria Clara Lucchetti Bingemer **

Enquanto o ano paulino segue seu curso, podemos continuar aprendendo com esse grande homem que foi Paulo de Tarso. Apaixonado e seduzido por Jesus Cristo, que veio ao seu encontro luminosamente no caminho de Damasco, Paulo não deixava, no entanto, de ser extremamente realista.

Tinha especial amor pelas comunidades que fundava em nome do Senhor Jesus e sob o impulso de seu Espírito Santo, e a elas dedicava o melhor de suas energias e forças. Porém, essas comunidades nem sempre deixavam de dar-lhe muito trabalho e preocupação. É ele mesmo quem diz, dirigindo-se a uma delas, que ama seus membros como filhinhos e por eles sofre as dores do parto.

Talvez a comunidade à qual Paulo deu mais importância tenha sido a de Corinto. A ela escreveu duas de suas mais lindas cartas. A primeira, sobretudo, escrita em um momento delicado para a vida da comunidade e para o ministério apostólico de Paulo

também. A comunidade de Corinto era muito agraciada com dons especiais e muitos de seus membros recebiam graças sensíveis, falavam em línguas, tinham êxtases, enfim, viviam alguns dos muitos fenômenos extraordinários que ao longo da história do Cristianismo caracterizaram a experiência dos místicos.

Porém, aqueles que eram agraciados com tais carismas, sobretudo o de falar em línguas, não estavam administrando as graças recebidas como deveriam, na opinião de Paulo. Achavam-se melhores que os outros, faziam todas as reuniões e assembléias comunitárias girarem em torno de suas pessoas, necessitavam de um intérprete especial para “traduzir” para o resto da comunidade aquilo que falavam quando inspirados pelo Espírito.

Paulo, no capítulo 11 da primeira carta aos Coríntios, trata desse assunto com seus irmãos mais novos. E o faz sem medir palavras. Deixa-os saber claramente que o que mais importa não são os dons

individuais de cada um, mas o crescimento da comunidade como um todo. Portanto, o discernimento dos espíritos e dos carismas que são dados a membros da comunidade devem ser realizados com o critério inarredável do benefício que a mesma comunidade recebe com eles.

Falar em línguas não parece ser para Paulo algo de primeira importância na vida da comunidade de Corinto. Pois se causa divisão e contendas entre os cristãos, significa que o Espírito de Deus não está agindo ali. Ou ao menos que o mau espírito está infiltrado na ação do Espírito Santo. E Paulo é claro: é melhor falar cinco palavras simples, que todo mundo entenda e pelas quais a comunidade seja edificada do que falar cinco mil que ninguém entende e só causam confusão e divisão.

Ao dizer isso, Paulo deixa claro a seus amados irmãos que não fala isso por ciúme de um dom que ele talvez não tenha recebido. Enumera todas as abundantes graças místicas que recebeu do Senhor para mostrar que isso não é o que importa.

O que importará então? Se algo tão espiritual como a glossolalia - nome técnico do falar em línguas - não é o mais importante, o que será realmente fundamental na vida cristã? Paulo responde nesse

capítulo e também nos outros dois que vão se seguir. O mais importante é o amor, a caridade, que faz a comunidade estar unida e buscar apenas a glória de Deus e não a sua própria. O amor, a caridade que faz cada um esquecer-se de si mesmo em benefício dos outros. A comunidade importa muito mais do que eu e minha sensibilidade espiritual. O que importa, portanto, é que ela esteja atendida e possa crescer.

No capítulo 12, Paulo continuará falando da importância de os cristãos formarem um só corpo. Assim, os dons dados a um são dados em benefício de todos. E no capítulo 13 termina sua exortação à comunidade de Corinto entoando o maravilhoso hino à caridade. De que serviriam todos os dons extraordinários se falta o amor?

Com Paulo aprendamos, pois, em nossas assembleias e comunidades a valorizar antes a caridade, antes o amor que qualquer outra coisa. Só assim teremos a garantia de que Deus está entre nós. Ele é amor, este é um ingrediente que não pode jamais faltar em nossa vida cristã.

** Teóloga, professora e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio*

SOMOS TODOS PÓS-MODERNOS?

*Frei Betto **

A resposta é sim se comungamos essa angústia, essa frustração frente aos sonhos idílicos da modernidade. Quem diria que a revolução russa terminaria em gulags, a chinesa em capitalismo de Estado; e tantos partidos de esquerda assumiriam o poder como o violinista que pega o instrumento com a esquerda e toca com a direita?

Nenhum sistema filosófico resiste, hoje, à mercantilização da sociedade: a arte virou moda; a moda, improviso; o improviso, esperteza. As transgressões já não são exceções, e sim regras. O avanço da tecnologia, da informatização, da robótica, a gloogleatização da cultura, a telecelularização das relações humanas, a banalização da violência, são fatores que nos mergulham em atitudes e formas de pensar pessimistas

e provocadoras, anárquicas e conservadoras.

Na pós-modernidade, o sistemático cede lugar ao fragmentário, o homogêneo ao plural, a teoria ao experimental. A razão delira, fantasia-se de cínica, baila ao ritmo dos jogos de linguagem. Nesse mar

revolto, muitos se apegam às "irracionalidades" do passado, à religiosidade sem teologia, à xenofobia, ao consumismo desenfreado, às emoções sem perspectivas.

Para os pós-modernos a história findou, o

lazer se reduz ao hedonismo, a filosofia a um conjunto de perguntas sem respostas. O que importa é a novidade. Já não se percebe a distinção entre urgente e importante, acidental e essencial, valores e oportunidades, efêmero e permanente.

A estética se faz esteticismo; importa o adorno, a moldura, e não a



profundidade ou ao conteúdo. Ao pós-moderno é refém da exteriorização e dos estereótipos. Para ele, o agora é mais importante que o depois.

Para o pós-moderno, a razão vira racionalização, já não há pensamento crítico; ele prefere, neste mundo conflitivo, ser espectador e não protagonista, observador e não participante, público e não ator.

O pós-moderno duvida de tudo. É cartesianamente ortodoxo. Por isso não crê em algo ou em alguém. Distancia-se da razão crítica criticando-a. Como a serpente Uroboros, ele morde a própria cauda. E se refugia no individualismo narcísico. Basta-se a si mesmo, considera toda paixão inútil, nemindiferente à dimensão social da existência.

O pós-moderno tudo desconstrói. Seus postulados são ambíguos, desprovidos de raízes, invertebrados, sensitivos e apáticos. Ao jornalismo, prefere o showalismo.

O discurso pós-moderno é labiríntico, descarta paradigmas e grandes narrativas, e em sua bagagem cultural coloca no mesmo patamar Portinari e Felipe Massa; Guimarães Rosa e Paulo Coelho; Chico Buarque e Zeca Pagodinho.

O pós-modernismo não tem memória, abomina o ritual, o litúrgico, o mistério. Como ri nem chora. Não há amor, há empatias. Sua visão de mundo deriva de cada subjetividade.

A ética da pós-modernidade detesta princípios universais. É a ética de ocasião, oportunidade, conveniência. Camaleônica, adapta-se a cada situação.

A pós-modernidade transforma a realidade em ficção e nos remete à caverna de Platão, onde nossas sombras têm mais importância que o nosso ser, e as nossas imagens que a existência real.

** Frei dominicano. Escritor.*

“Bem a gente insiste, a gente diz: a marca registrada da pastoral na América Latina é a opção preferencial solidária, evangélica, profética pelos pobres. A gente fala, mas na realidade, na pastoral você não sente mais isso.”

A íntegra da mensagem de D. Aloísio encontra-se na obra “Mantenham as as Lâmpadas Acesas”

Naquele Tempo...

*Padre Marcos Passerini**

Dia 14 de março de 1994. Um cardeal, dois bispos auxiliares, um vigário episcopal e nove ilustres personalidades do mundo da política, do judiciário e dos meios de comunicação encontravam-se reféns sob a mira das armas de um pequeno grupo de amotinados do Instituto Penal Paulo Sarasate (IPPS) em Fortaleza.

Do lado de dentro, longas horas de angústia, de medo e incerteza da parte dos reféns, e a desesperada guerra de nervos dos seqüestradores. Do lado de fora, uma quilométrica fila de carros invadindo a BR 116 para viver de perto aquele momento dramático e, mais longe ainda, uma incessante corrente de oração.

A notícia do desfecho feliz viria depois de um dia e uma noite de extenuante apreensão.

Para mim, aumentou o amor por essa gente e a

necessidade de dedicar-me mais ainda aos presidiários, que são os excluídos da sociedade.

Numa entrevista de primeira mão, a singela reação de Dom Aloísio deixou muita gente perplexa dentro e fora da Igreja.

E com razão.

Complicado demais para os “sábios e inteligentes” (Mt 11, 25) entender de profecia. Ainda mais quando o testemunho do Pastor apontava para uma leitura mais abrangente do fato tresloucado. A leitura de quem consegue, contra toda evidência, acreditar que a Graça de Deus trabalha além das aparências e que todo gesto desesperado sempre tem um recado para todos. Mais cômodo para os analistas da época apelar para uma tal de ‘síndrome de Estocolmo’, fenômeno psicológico em que os seqüestrados se afeiçoam e se associam aos seus algozes.

Naquele tempo eram pouco mais de seiscentos os presos que dividiam no IPPS um espaço construído para quatrocentos, sob a guarda de uma dúzia de agentes penitenciários.

Hoje já passam de 1.600, com o mesmo tanto de agentes.

Na mesma época, Brasil afora, a população carcerária era pouco mais de cem mil. Hoje, já são mais de quatrocentos mil os amontoados atrás das grades. Em breve será um exército de meio milhão.

Nossos seqüestradores são jovens carentes. Infelizmente é só esse tipo de gente que está na cadeia e não são assim tão perigosos, ainda mais no Brasil onde pessoas muito mais perigosas estão soltas por aí.

São palavras de Dom Aloísio. Hoje, quase 70% da população carcerária tem menos de 27 anos e ninguém acorda para a urgência de uma política penitenciária que contemple projetos pedagógicos

multidisciplinares e atendimento personalizado capaz de despertar nos jovens o amor à vida, dando outro sentido à pena atrás das grades.

Todos filhos da nossa comunidade: frutos da fome, do desemprego, da inexistência de políticas públicas, da droga e da comercialização das armas. Todos filhos do endeusamento do mercado excludente.

Cidadãos largados ao deus-dará, antes da prisão; esquecidos e odiados, mais tarde, atrás das grades, pela ojeriza da própria comunidade assustada e mal-informada.

Ociosidade fatal, tortura física e psicológica e um sistema judiciário desaparelhado e preguiçoso que nada tem a oferecer aos infratores da lei a não ser um regime cada vez mais fechado e desumano que, de certo, não poderá contribuir para a tão propalada ressocialização.

Sem falar da aplicação insignificante de penas alternativas

para a grande quantidade de crimes contra o patrimônio, como também da pouca sensibilidade da maioria dos juízes em relação à progressão de regime, à remissão de pena, indultos e outros benefícios previstos em lei.

Enquanto a reincidência muito além dos 80% é a

prova incontestável de um tratamento penal que vai na contramão da Lei de Execução Penal Brasileira e das 'regras mínimas' das Nações

Unidas, a única resposta da justiça penal é o simples fortalecimento e aperfeiçoamento técnico das medidas punitivas.

Não sobra espaço suficiente para se perguntar: estamos combatendo o crime dentro de um quadro cultural adequado?

A complexidade do problema aponta, inevitavelmente, para a

necessidade de um debate aberto, em que os interlocutores não sejam apenas os órgãos judiciais e de segurança, mas todos os poderes públicos, as organizações sociais, a comunidade como um todo e as igrejas também.

Faz-se urgente que as próprias igrejas e demais

religiões mostrem com maior visibilidade sua missão de educadores das consciências. Com lucidez, devem lembrar aos que detêm o poder de cuidar do bem comum, ainda reféns de políticas

compensatórias e práticas de segurança repressivas, que a prevenção continua sendo o melhor antídoto do dismantelo social.

Cabe a elas, também, defender de forma intransigente e inequívoca a dignidade de todo ser humano e exigir dos governos empenho mais efetivo na criação de novas ocasiões de resgate para



cada situação pessoal e social. Abster-se de ações de defesa e promoção do recluso significaria reduzir a medida de detenção à mera vingança social, tornando-a simplesmente odiosa e mais perigosa ainda. Não haveria outras hipóteses de sistemas penais mais eficazes?

A sociedade, hoje refém do medo e de instintos de vingança, precisa mais do que nunca da luz de teologias libertárias que, partindo da conflituosidade das relações humanas, conduzam sempre a reconsiderar a justiça humana com o metro da justiça de Deus, sem paternalismos e ingenuidades. As leis, as instituições, os cidadãos e os cristãos acreditam de

verdade que na pessoa encarcerada existe um filho de Deus a ser respeitado, promovido, educado, libertado e amado?

Para tanto, é preciso voltar aos tempos de outrora, quando a comunidade cristã destemida era 'refém', exclusivamente, do Evangelho de Jesus de Nazaré.

**Missionário comboniano e Coordenador Estadual da Pastoral Carcerária ~ Ceará.*

Nota dos Editores: Este texto foi extraído do livro "Mantenham as Lâmpadas Acesas – Revisitando o Caminho, Recriando a Caminhada" – Um diálogo de Aloísio Cardeal Lorscheider com O GRUPO.



“Ao invés de um consumismo acrítico e desenfreado, necessitaremos promover, politicamente, uma distribuição equitativa dos bens deste mundo. Este desafio nos remete à doutrina social da Igreja, a qual poderá fornecer alguns princípios éticos básicos para um engajamento nesta direção.”

A íntegra da mensagem de D.Aloísio encontra-se na obra "Mantenham as Lâmpadas Acesas"

Centenário “Perigoso”

Marcelo Barros*

morrem!”.

Celebrar o centenário do nascimento de Dom Helder precisa ter este conteúdo de testemunhar que o seu ideal e sua profecia não morreram. Que adiantam missas solenes e clericais, assim como comemorações civis belas e tocantes se olhamos em volta e parece que tudo acabou e nada mais resta do fogo do espírito que animou o Dom e garantiria a sua continuidade.

A sua memória não pode ser apenas uma recordação da vida, da obra, da genial idade e das lutas, como de um herói do passado.

É preciso encontrar modos de refazer, hoje, em expressão atual e sem cair em nostalgia reacionária, o pacto de simplicidade e pobreza que, desde o Concílio Vaticano II, norteou e orientou a vida do Dom. Principalmente, neste contexto de mundo no qual a sobriedade e a luta contra o consumismo são elementos fundamentais em um caminho ecológico urgente para salvar o mundo do caos.

Precisamos superar briguinhas de poder e aprender a nos reunir como um só corpo: encontrar formas de nos

No Recife e o quanto eu sei, em lugares como Milão e Bruxelas, o mês de fevereiro foi tomado pelas justas comemorações do centenário do nascimento de Dom Helder Camara. Como é impressionante e bom que, depois de tantos anos, a memória do Dom e o carinho do povo continuem tão fortes e atuais. Mas, confesso um pressentimento que não posso provar.

Nas poucas comemorações que tive oportunidade de participar, fiquei me perguntando se certas homenagens e discursos não expressavam o tom de uma louvação a alguém bem morto e enterrado, que aquelas cerimônias fecham com chave de ouro em um mausoléu precioso.

Na Nicarágua, antes da vitória da revolução sandinista, os presos políticos, encerrados em um porão da ditadura, receberam uma notícia. Um guarda entrou, todo orgulhoso do seu feito e gritou:

“Acabamos de matar o comandante Carlos Fonseca!”. Thomas Borge, um dos prisioneiros, respondeu na hora, sem hesitar: **“Carlos Fonseca é dos homens que nunca**

constituir novamente como “minoras abramicas”, grupos de espiritualidade e resistência cultural que, nesta realidade eclesial que sofremos, testemunhem que Igreja é comunidade local e que a eclesialidade é prerrogativa de todos os batizados. Somos plenamente Igreja e marcados pela liberdade da profecia. Assumamos, cada um de nós, herdeiros da profecia de Dom Helder, o compromisso que ele propôs aos bispos em Medellín (1968): “Que se apresente cada vez mais nítido, na América Latina, o rosto de uma Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal, desligada de todo o poder temporal e corajosamente comprometida na libertação do ser humano como um todo e de toda a humanidade” (Medellín. 5, 15 a).

Se certos personagens preferem fazer da Igreja um museu de mau gosto e exposição de poder arbitrário, damos o testemunho de pessoas que, como Dom Helder, quanto mais velhas ficam, mais

abertas e livres. Como seria o Dom, celebrando os seus cem anos, tentando dar uns passos de frevo com um bloco que veio homenageá-lo (e lançando a nova campanha “Por um respeito sagrado à Terra e às Águas”).

É claro: por baixo disso tudo e como fogo original, há a fé e a mística viva de um homem normal, cheio de pequenos defeitos, que, entretanto, mesmo nas limitações, era o exemplo vivo do que São Paulo escreveu: “Deus fez reluzir o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face do Cristo. Todavia, este tesouro, nós o levamos em vasos de barro, para que todos reconheçam que este incomparável poder pertence a Deus e não é propriedade nossa” (2 Coríntios 4, 9-10).

** Monge beneditino e escritor*

Transcrito do Boletim Rede De Cristãos de Classes Médias, fev. 2009



“A Teologia da Libertação de fato quer ver a situação social à luz da fé: - Como é que eu, cristão, devo julgar essa situação e como devo sair dela? Sempre com um espírito evangélico, é claro.

Isso é, de fato, a Teologia da Libertação.

O resto são só especulações.”

A íntegra da mensagem de D.Aloísio encontra-se na obra “Mantenham as Lâmpadas Acesas”

TEMÁRIO DE FORMAÇÃO

Nas páginas seguinte damos continuidade à publicação dos módulos preparados pelo casal Tânia e Tiquinho, responsáveis pelo Secretariado de Formação do CONDIR SUDESTE

As equipes interessadas na duplicação e no colecionamento dos textos poderão nos solicitar a remessa através de e-mail.

MÓDULO Nº 3: TESTE (AUTOCRÍTICA): SOU UM EMEFECISTA COMPROMISSADO?

(O TESTE ABAIXO AJUDARÁ VOCÊ A IDENTIFICAR O SEU GRAU DE COMPROMETIMENTO COM O MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO)

Leia cada sentença e atribua **1 ponto** se “**nunca**” toma a atitude; **2 pontos**, se toma “**raramente**”; **3 pontos**, se sua resposta for “**algumas vezes**” e **4 pontos**, se for “**frequentemente**”. Veja no final seu grau de comprometimento.

SEJA SINCERO(A) E HONESTO(A) EM SUAS RESPOSTAS.

| NOTA | SITUAÇÃO |
|------|--|
| | Quando convidado(a) a realizar algum trabalho pelo MFC como me manifesto? |
| | Cumpro com minha obrigação financeira para com o MFC? |
| | Incentivo e cobro as reuniões de minha Equipe-base? |
| | Conheço os trabalhos desenvolvidos pelo MFC em minha cidade? |
| | Mantenho-me informado(a) sobre os resultados destes trabalhos? |
| | Procuro me informar sobre as dificuldades para realizar os trabalhos? |
| | Comemoro as vitórias do Movimento Familiar Cristão? |
| | Auxílio a coordenação de Cidade, as Equipes-base, a enfrentarem novos desafios? |
| | Mantenho contato com outras Equipes-base e outros membros do MFC? |
| | Nos trabalhos pastorais me apresento também como emefecista? |
| | Tenho sempre consciência de que é meu dever realizar minhas atribuições emefecistas e manter um MFC ativo? |
| | Me preocupo em buscar soluções, resolvendo situações difíceis antes que elas se transformem em problemas? |
| | Formo alianças com pessoas de outros Movimentos/Pastorais para conquistar metas conjuntas? |

| | |
|--|---|
| | Tenho coragem de abordar temas que são considerados 'tabus', e que vão gerar novas situações e mudar os acomodados? |
| | Procuo entender o ponto de vista de outros emefecistas, mesmo quando discordo deles? |
| | Repasso avisos, informações, correspondências para todos de meu grupo, e a outros do MFC? |
| | Trabalho para que todas as realizações inovadoras do MFC sejam bem sucedidas? |
| | Sei ver o lado positivo dos momentos de crise, enxergando neles oportunidades para mudanças? |
| | Reorro aos valores, ideais e aspirações cristãs, quando descrevo a missão evangelizadora do MFC? |
| | Procuo ler e aprofundar meu conhecimento sobre os documentos do MFC? |
| | Crio situações que estimulam o crescimento da minha Equipe-base, e de todo o MFC? |
| | Procuo estimular outros membros emefecistas a vencer suas dificuldades e superar seus limites? |
| | Me envolvo nas realizações do MFC em todos os níveis? |
| | Me preocupo e procuro realizar as metas estabelecidas pelo MFC da minha cidade? |
| | Estou atento às necessidades do MFC, para o seu crescimento? |
| | Procuo conhecer o máximo possível sobre o Carisma, Missão e Objetivos do MFC? |
| | Acredito sempre nos trabalhos do MFC, mesmo quando outros desistem? |
| | Tenho uma palavra de estímulo quando os resultados não são satisfatórios? |
| | Procuo ouvir a opinião de todos, sempre estimulando o emefecista a pensar, participar e assumir novos desafios? |
| | Costumo dar respostas precisas à solicitações a mim dirigidas? |
| | No MFC sou um(a) idealista e quero sempre mais, tanto em relação à Equipe-base quanto ao MFC como um todo? |
| | No MFC sou cooperativo(a), leal, ético(a) e sempre cumprio o que prometo? |
| | Dou retorno às reivindicações, solicitações, idéias e propostas do MFC em todos os níveis? |

| | |
|--|--|
| | Dos assuntos e confidências tratados em minha Equipe-base, sempre mantenho alto grau de respeito e sigilo? |
| | Procuo manter um diálogo saudável com dirigentes de pastorais e a hierarquia da Igreja? |
| | TOTAL DE PONTOS |

Após atribuir notas em cada item, some todos os pontos.

MÓDULO Nº 4: SENTIDO DA PERTENÇA (Pertencer é sobretudo se responsabilizar)

Caros amigos, o nosso programa de formação, nesta carta, nos propõe uma reflexão sobre uma identidade (característica), que é muito discutida, e às vezes torna-se polêmica e em alguns momentos é mal compreendida e interpretada: **a contribuição financeira**. Este momento deve acontecer como um momento de estudo, aprofundamento, conhecimento e não de cobrança, se algum atraso houver. Acreditamos que após este estudo, com os seus esclarecimentos, muita coisa há de mudar.

Considerando que o Movimento Familiar Cristão, é uma Entidade sem fins lucrativos, que não realiza nenhuma atividade com fins de arrecadação, é muito tolerável e necessário compreender que a sua manutenção seja realizada pelos seus próprios membros.

Permita-nos, queridos amigos, chamá-la de **PERTENÇA**.

Antes de continuarmos e aprofundarmos o nosso estudo sobre esta característica do MFC, vamos fazer uma pausa para estas reflexões:

**O QUE O MFC REPRESENTA PARA MIM?
QUAL A SUA IMPORTÂNCIA PARA
MINHA FAMÍLIA?
COMO ERA MINHA VIDA ANTES DE
CONHECER E PARTICIPAR DO MFC, E
COMO É AGORA? O QUE MUDOU?**

Só devemos prosseguir, se todos os participantes da reunião manifestaram suas impressões, e fizeram o seu comentário.

Muito bem, após este momento de troca de experiências, e testemunhos acerca de nossa visão sobre o Movimento Familiar Cristão, e o que ele representa para

cada um de nós, podemos afirmar que tudo o que dissemos traduz-se ao que chamamos de **SENTIDO DA PERTENÇA**. A melhor definição para o sentido da pertença é: **pertença são os benefícios que recebemos de tudo quanto o MFC realiza**.

O sentido da pertença, é descobrirmos que participamos deste movimento e temos consciência do que ele representa para nós.

Talvez você nunca avaliou antes, tudo o quanto, a sua participação neste movimento lhe

oferece a você como pessoa; ao seu matrimônio, como casais; aos seus filhos, como pais; a todos os seus como família.

Sugerimos mais uma pausa, pois o que dissemos acima (em negrito), merece ser comentado por todos. Este momento de pausa deve "destrinchar" ao máximo as opiniões da Equipe-Base. Vamos imaginar aquele delicioso frango assado, que a mãe, ao colocar na mesa, separa todas as partes, para que cada um possa escolher a que mais lhe parece apetitosa, e oferecermos aos nossos amigos de Equipe a nossa reflexão e o nosso testemunho, a nossa melhor parte sobre:

QUAL A CONTRIBUIÇÃO QUE O MFC OFERECE PARA EDUCAÇÃO DE MEUS FILHOS?

EM RELAÇÃO À AMIZADE(AMIGOS CONQUISTADOS NO MFC), O QUE ME PROPORCIONAM? *(Aqui podem ser lembrados e colocados momentos em que a amizade mefecista foi muito importante, para uma determinada situação).*

Participar de um movimento como o nosso, é uma graça. Uma Graça Divina. Porém toda graça para se tornar efetiva, isto é, para ficar, exige ação. A ação da graça mefecista é trabalhar sempre para que a família seja valorizada, para que seja capaz de, dignamente, ter e educar os seus filhos, viverem em harmonia, para que sejamos todos, fermento, e pelo nosso trabalho aconteça a evangelização e a humanização das pessoas, e que

estas ações transformem a sociedade.

Após estas reflexões, podemos prosseguir.

Portanto, caros mefecistas, para que o Movimento Familiar Cristão, em todos os seus níveis de atuação (CIDADE, ESTADO, REGIONAL, NACIONAL), possa caminhar, é necessário dinheiro.

Alias hoje, mais do que nunca, o mundo globalizado, exige que para toda e qualquer ação, por mínima que seja, é preciso dinheiro. Infelizmente não tem como ser diferente. Nenhum economista, por mais inteligente que seja, ainda não apresentou nenhuma fórmula, que faça o homem viver, progredir, e tornar possível suas realizações, se não tiver suporte financeiro para isso.

Também é assim no Movimento Familiar Cristão. Sem dinheiro, não podemos fazer a nossa mensagem chegar a outros lugares.

Sem dinheiro não concretizamos o objetivo do MFC "que é a humanização, a evangelização, a promoção, a assistência social e a educação da família, capacitando-a para o desenvolvimento dos valores humanos e cristãos para que possa cumprir a sua missão de formadora de pessoas, educadora na fé e promotora do bem comum".

COM TODA A SINCERIDADE CRISTÃ, É POSSÍVEL, SEM DINHEIRO REALIZAR ESTAS TAREFAS, E CONCRETIZAR NOSSOS OBJETIVOS???

A esta altura você deve estar se perguntando: mas com quanto devo contribuir, para que o MFC possa tornar possíveis os seus objetivos?

A contribuição varia de cidade para cidade, mas a maioria das cidades vem recebendo o valor de R\$ 1,50 (um real e cinquenta centavos) por membro. É bom que se diga, há muito tempo, a inflação já corroeu muito esse valor. Portanto, percebemos que o valor de contribuição, não é exagero. Aqui fica o reconhecimento a algumas cidades que trabalharam durante anos seus membros, a respeito do sentido da pertença, e hoje conscientes da necessidade e do bem que ela realiza ao MFC, chegam a contribuir com até R\$ 4,00 (quatro reais) por membro.

Para muitos fica a dúvida, e quem sabe até já buscaram um esclarecimento sobre o seguinte questionamento: **O QUE É FEITO COM O DINHEIRO DA MINHA CONTRIBUIÇÃO?** (deixar que pessoas da Equipe-Base, que sabem onde e como o dinheiro é utilizado se manifeste).

Este questionamento é necessário e fundamental para que a nossa consciência esteja sempre atenta para defender a sua necessidade.

O dinheiro arrecadado com a contribuição dos mefecistas na cidade é totalmente utilizado em prol do movimento. Do valor de contribuição, 50% (cinquenta) fica na cidade, e 50% (cinquenta) é repassado ao estado, que retém 50% (cinquenta) do valor, e repassa os outros 50% (cinquenta) ao regional (CONDIR- Conselho

Diretor Regional). O Regional por sua vez fica com 50% (cinquenta) do que recebeu dos estados, e repassa 50% (cinquenta) ao CONDIN (Conselho Diretor Nacional).

Depois de conhecer como é feita a divisão do dinheiro de contribuição, podemos destacar algumas das principais necessidades, para o bom andamento do MFC, onde e como este dinheiro é utilizado:

-VIAGENS: todas as despesas com viagens que os mefecistas realizam, são pagas pelo caixa do MFC, correspondente ao seu coordenador. Assim as cidades pagam a de seus coordenadores, o estado dos seus, e assim sucessivamente. Porém o CONDIR (Conselho Diretor Regional) e o CONDIN (Conselho Diretor Nacional), quando viajam, tem suas despesas sempre com valores altos, isto devido às distâncias, quase sempre necessitando de viagens aéreas.

-TELEFONE: Este meio de comunicação facilita e agiliza nossos trabalhos, porém tem os seus custos, e não é justo que aqueles que coordenam, que já oferecem a disponibilidade de seu tempo, venham também arcar com a despesa do mesmo.

-FORMAÇÃO: A formação é uma das grandes preocupações do MFC, e hoje meta do próximo triênio. A formação, é o principal fazer do Movimento Familiar Cristão, pois o MFC é mais de formação que de ação, isto é, está mais para preparar o mefecista, porque depois de evangelizado e

formado, é natural que ele se engaje para o trabalho. Muito bem, mas a formação sempre que é desenvolvida gera custos, seja impressão ou cópias de material, viagem dos agentes formadores, e outros materiais que sempre são necessários.

-EVENTOS: O MFC realiza vários eventos durante o ano. Muitos desses eventos necessita de suporte financeiro para as mais diversas necessidades.

-SOCIAL: O MFC em muitas cidades desempenha um trabalho visando o bem estar das pessoas mais necessitadas, seja com alimentos, roupas, medicamentos, e até mesmo material escolar.

**QUE OUTRAS ATIVIDADES QUE
CONHECEMOS E PARTICIPAMOS,
QUE SÃO REALIZADAS EM
NOSSA CIDADE QUE
NECESSITAM DE RECURSOS
FINANCEIROS?**

Após este estudo, acreditamos, estamos mais preparados e conscientes para compreender que o MFC, para continuar levando sua mensagem, para continuar seu desenvolvimento e crescimento, é fundamental que tenha um suporte financeiro.

Sabemos que nas cidades esse suporte é composto pelos eventos que são realizados, somados à contribuição de seus membros, mas quando saímos da esfera das cidades, a ECE (Equipe de Coordenação Estadual), o CONDIR (Conselho Diretor Regional)

e o CONDIR (Conselho Diretor Nacional), dependem única e exclusivamente dos valores repassados pelas cidades, valores estes que devem corresponder a 50% (cinquenta) de cada membro que contribuiu.

Portanto, caro amigo mefecista, a sua contribuição é que sustenta o Movimento Familiar Cristão. A caminhada deste movimento, suas iniciativas, seus compromissos, seus investimentos, suas ações, **d-e-p-e-n-d-e-m** de sua consciência em contribuir mensalmente com o valor que está estipulado pela coordenação de sua cidade.

É necessário e providencial neste momento de estudo acerca do SENTIDO DA PERTENÇA, em que estamos aprofundando nosso conhecimento, e tirando nossas dúvidas sobre a contribuição financeira, ressaltarmos que no momento atual o Movimento Familiar Cristão vive uma situação “anêmica” em relação à contribuição financeira de seus membros, pois as Equipes-Base não estão mantendo em dia os seus compromissos. Saiba, caro amigo mefecista, que:

**SEMPRE QUE “ESQUEÇO”
OU ATRASO A MINHA
CONTRIBUIÇÃO, ESTOU
ESQUECENDO E
ATRASANDO A
EVANGELIZAÇÃO, A
PROMOÇÃO, A
FORMAÇÃO, A EDUCAÇÃO
E A HUMANIZAÇÃO DAS
FAMÍLIAS.**

Enfim caros amigos, acreditamos que este assunto ainda não está esgotado, porém, vai contribuir para despertar nossa consciência a respeito desta responsabilidade que temos com o nosso Movimento, certos de que este nosso gesto possibilitará que outras pessoas e outras famílias possam também conhecer, e receberem todo o benefício que o MFC nos proporciona.

Para encerrar nosso estudo e nossa reflexão acerca do **SENTIDO DA PERTENÇA**, vamos com muita humildade, fazer uma última reflexão:

**COMO ESTÁ A CONTRIBUIÇÃO DE
NOSSA EQUIPE-BASE?
ESTAMOS EM DIA?**

Caso a resposta seja negativa, permita-nos propor um gesto concreto: **um esforço de todos de nossa equipe para atualizarmos o nosso compromisso, e quem sabe até, um gesto de mefecistas conscientes: melhorar o seu valor.**

Tânia e Tiquinho (Sec. de
Formação do CONDIR Sudeste)
a.feliciano@deltasuper.com.br

“A hierarquia é importante, mas hierarquia não significa absorver, e sim envolver as forças vivas na Igreja. Quanto mais se envolve – e todos os batizados devem se envolver – mais enriquecedora se torna a experiência eclesial.”

A íntegra da mensagem de D.Aloísio encontra-se na obra “Mantenham as Lâmpadas Acesas”

Não fique tão sério



O rapaz chega em casa muito animado e diz para sua mãe que quer se casar. A mãe faz uma série de perguntas e ele faz uma proposta:

- Mãe, vou trazer aqui três mulheres e você vai tentar adivinhar com qual delas irei me casar.

A mãe concorda com o teste. No dia seguinte, as três lindas mulheres se sentam no sofá e conversam com a mãe do rapaz por um bom tempo. Depois de horas, o filho pergunta:

- Então mãe, você consegue adivinhar com qual delas vou me casar?

A mãe responde imediatamente:

- Com a do meio.

O rapaz, surpreso, pergunta:

- Como você acertou?

- Não gostei dela - responde a mãe.



Um coelho e uma raposa se encontram na mata. A raposa pergunta:

- Por que suas orelhas não são tão compridas como as dos outros coelhos?

- Porque eu sou romântico!

- Como assim?

- Eu estava deitado no chão ouvindo o canto dos pássaros e não escutei o ruído do cortador de grama!

Um jovem acaba de tirar a carteira de motorista e pede ao pai que lhe empreste o carro. O pai o leva até o escritório e propõe:

- Vamos fazer um trato. Se você melhorar suas notas, ler mais a Bíblia e cortar o cabelo, podemos voltar a falar no assunto.

Um mês depois o rapaz volta a perguntar ao pai se pode pegar o carro. Mais uma vez eles vão ao escritório e o pai diz:

- Filho, estou muito orgulhoso de você. Suas notas melhoraram e você tem lido a Bíblia. O único problema é que ainda não cortou o cabelo.

O rapaz hesita um minuto e diz:

- Mas pai, eu estive pensando. Ao que tudo indica, Sansão tinha cabelo grande, Moisés também, e até Noé era cabeludo!

- Sim... e todos andavam a pé!



O pai pergunta ao filho:

- Filho! Como foi o primeiro dia na escola? Aprendeu alguma coisa?

- Que nada! Amanhã vou ter de voltar lá.



Um pintor amador comenta aliviado com seu melhor amigo:

- Rapaz, hoje eu vendi uma tela

que me custou seis anos de vida!

- Jura?! Mas que ótimo!

- Pois é... levei meia hora para pintar a tela toda, e o restante do tempo, para conseguir vendê-la!



O jornalista ambulante grita:

- Extra! Extra: 50 pessoas enganadas por um vigarista! Cinquenta pessoas enganadas por um vigarista!

Curioso, um homem compra o jornal, mas acaba reclamando:

- Ei, aqui dentro não tem nada sobre as 50 vítimas de um vigarista!

- Extra! Extra: 51 pessoas enganadas por um vigarista!



Um músico desempregado tocava seu violão na rua. Cerca de uma hora depois, um policial o abordou e pediu que lhe mostrasse a licença de ambulante. O músico confessou que não tinha.

- Neste caso o senhor vai ter de me acompanhar - disse o guarda.

- Ok! O que o Sr. vai cantar?



Em um leilão, havia um louro falante sendo leiloadado. Um senhor queria muito aquela ave e, a cada contraproposta, ele oferecia mais. Finalmente, depois de ter dado mais do que pretendia, o louro era

seu. Na hora de pagar pelo animal, o homem disse ao leiloeiro:

- Espero que este louro fale, pois estou pagando muito caro...

- Não se preocupe - disse o leiloeiro -, ele fala e é bem esperto. Quem o senhor acha que estava dando os outros lances?



P: - Qual a semelhança entre um carro a álcool e o goleiro do seu time?

R: - Quando a gente mais precisa, nenhum dos dois pega.



O Chefe diz ao empregado:

- Decidi dar mais encargos a você. A partir de agora, você é responsável por tudo o que der errado na empresa.



Quando um milionário se engasgou com uma espinha de peixe em um restaurante, o médico, sentado à mesa próxima, imediatamente se levantou e aplicou nele a manobra de Heimlich, salvando sua vida.

- Obrigado! Muito obrigado! - disse o milionário. - Por favor, faço questão de pagar pelo seu serviço. Diga qual é o seu preço! O médico respondeu:

- Está bem. Que tal metade do que você ofereceu quando a espinha estava entalada na sua garganta?

Audiovisuais em DVD

O MFC e o Instituto da Família – INFA oferecem programas em DVD.

Em cada DVD, vários programas de 15 minutos.

“Bate-papos” provocativos sobre questões que afetam a família e a sociedade. Para serem usados

- em reuniões de equipes e grupos do MFC
- em reuniões de pais e professores nas escolas
- em canais de televisão, rádios e TVs Comunitárias
- em encontros de noivos ou de casais
- em múltiplos outros eventos.

Para encomendar: Livraria MFC

Telefax: (32) 3218-4239 - e-mail: livraria.mfc@gmail.com

DVDs já disponíveis:



DVD 1

- “Drogas: dependência e recuperação”
- “Drogas: mitos e preconceitos”
- “Violência na família”
- “Família na escola”
- “Diálogo & diálogo”
- “Violência e insegurança”
- “Separações e divórcio”



DVD - 2

- “Drogas desafio para o educador”
- “Drogas: da negação à onipotência”
- “Criança agressivas”
- “Aprendizagem bloqueada”
- “Cuidar da voz”
- “Motricidade oral”
- “A família moderna”
- “Sexualidade”



DVD - 3

- “Violência urbana”
- “Insegurança e medo”
- “Idade e maturidade”
- “Ética – princípios que regem as relações humanas.”
- “Ética na política”
- “Auto-estima sem narcisismo”
- “Casamento rompido”
- “Relacionamento conjugal e familiar”
- “Identidade e auto-realização”

*Meus olhos se
perderam
no meio do mar
no vazio que
deixaram
fizeste teu lar.*

*Meus pés me levaram
pra beira do mar
o vento da praia
vem me açoit.*



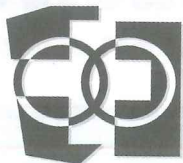
Beatriz Reis

*Meus braços se
abriram
e entraram no mar
na carícia das águas
vieste me abraçar*

*Meu coração calado
jogou-se no mar
no escuro, no
mistério
pude, enfim, te
encontrar.*

P
o
e
m
a

MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO



M.F.C.

**PRESENTE NO MUNDO
DE OLHO NAS FAMÍLIAS**



EVANGELIZAÇÃO MISSIONÁRIA FAMILIAR
**"DESCUBRA UM NOVO CAMINHO
PARA UMA VIDA FAMILIAR RENOVADA"**

ECE/PR - EQUIPE CENTRAL ESTADUAL - MARINGÁ - PR

Site: www.mfcpr.org.br

E-mail: contato@mfcpr.org.br

INFORMAÇÕES

Razão

Entre os comunicólogos há um conceito firmado de que não basta fazer, é preciso divulgar.

Louvamos a iniciativa do MFC do Paraná que pode servir de exemplo para o Movimento de outras regiões.

Foto

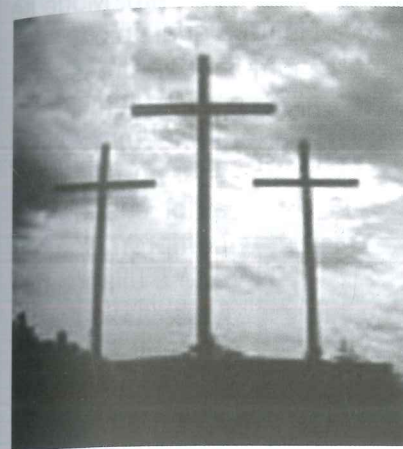
Belíssimo
cartaz de
divulgação
produzido pelo
MFC do
Paraná.

Fato

Muito se fala
que o MFC não mostra sua "cara" e por isso seu trabalho é
pouco reconhecido.

RESSURREIÇÃO É CÓDIGO DE VIDA

Pe. Dalton Barros, CSSR*



Não há, pois, vida que se eternize sem a morte. Aliás, o dia não alvorece sem a noite escura. E só há pão na mesa porque o trigo foi moído e se tornou um só corpo. Donde o adágio medieval: *ad lucem per crucem*, vamos á luz pela cruz.

A Redenção nos revela as novas faces do Amor:

1. unificação de nós mesmos desde nossas profundezas;
 2. comunhão de ser com nossos semelhantes;
 3. subordinação de nossa vida ao Deus, amigo da Vida. Esta subordinação faz de nós discípulos, aprendizes do amor de Jesus (ágape-caridade redentora).
- Amor que se estende aos que nos são indiferentes ou até inimigos. O calvário de Jesus e sua ressurreição abrem para nós as trilhas do amor dadivoso, da dedicação que não cessa de querer bem aos outros, sem a canalhice de se valer dos outros para ser eu-mesmo sozinho, bem sucedido.

Não há rito do Amor ressuscitado sem o tempo de preparação chamado Quaresma.

Para celebrar o mistério redentor da condição humana, quarenta dias nos são oferecidos como revisão: olhar de novo o que há de novidade divina a se construir em nós. Revisar o alcance da nossa solidariedade. Sim, porque celebrar o caminho da paixão-morte-ressurreição de Jesus é saber que está ao alcance de todos nós comungar solidariamente com os caminhos de transformação de nosso ser e conviver. Salvamo-nos juntos!

Muitos são os que gostam de pensar e dizer "ressurreição"; nem todos assimilam o caminho da cruz. Mas quem ressuscita é o crucificado Jesus de Nazaré. E quem suscita a luz da ressurreição nos caminhos da vida é Ele, o Vivente para sempre. Nosso Deus é o Deus da vida. Vida eterna como a sua, como Ele. Deus é.

O percurso do casal cristão contém os mistérios que rezamos no rosário da convivência familiar: mistérios de gozo, de luz, de dor e paixão, de glória. Jesus é a referência, ele é o Caminho. Não há como escapar: o riso habita a superfície do ser humano; as lágrimas, no entanto, são expressão de nosso fundo sem fundo. Para sermos lavados, purificados e renascer das águas da dor, das perdas e podas. Só cresce e amadurece quem aprende a perder e se faz solidário com a dor do mundo.

Jesus na semana dramática da Paixão confia: **desejei ardentemente**. Lc 22,15. Jesus deseja estar conosco à



mesa da vida. Sejam os desejosos dEle em nossas mesas da casa em família. **Eu vos chamo amigos**. Jo 15,13. Ele morreu por amizade. Fez do amor companheiro a arte da vida, até o fim. Modo se criar o Reino o qual veio. E vem. É sem fim sua presença amiga mormente na família cristã, que tem origem no

sacramento do amor casado. Um compromisso que é aliança de Vida: mais ser!

Ah! Se desejássemos ardentemente estar uns com os

outros, sempre! Ah, sim, é verdade: aconteceu aquela união em Betânia. Jesus nas mãos de todas as Marias-mães, essas que embalam a vida no berço que é a casa. Porque, quando Jesus esteve nas mãos dos homens, naquela semana derradeira, sabemos o que lhe aconteceu. Mas Jesus dirá sempre que é Ele quem entrega sua vida. Jo 18,5. *Isto é meu corpo, isto é meu sangue*. Páscoa de sua iniciativa, Páscoa de sua liberdade: dádiva. Generosa entrega, confiança amorosa. Coisas estas específicas de comunhão do casal e da família que se harmoniza.

Sendo a Ressurreição código de vida, ela frutifica no circuito do dom. Só mesmo aprendendo no ritmo quaresmal da vida.

Após tamanha dor da Cruz, um sábado com sabor de cinza. E chega a noite pascal; ela sempre acontece. São essas noites de nossas vidas que refazem o mundo. A presença redentora de Jesus cria núcleos de ressurreição e misericórdia e esses são obra dos que se casam no Senhor, quando a palavra foi dada no altar da existência: fidelidade. Amor fiel no cuidar uns dos outros. Até o fim.

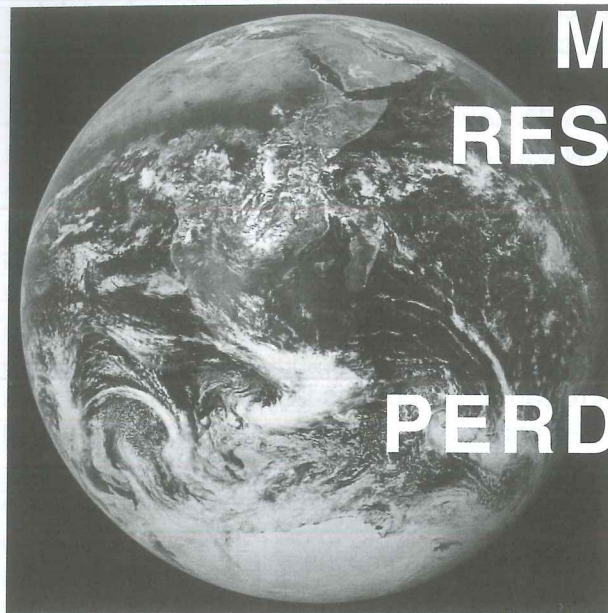
Na vigília pascal a Palavra pega fogo e o Fogo traduz a Palavra. Vigílias que na história das famílias fazem a História amanhecer, quando as sementes germinam transfigurações. As feridas do corpo e da alma se transmutam em luz de aurora. É páscoa, então. Sempre haverá páscoa onde a voz do amor sussurra: **perdão**. O renascer se concretiza: **Te amo**. E há reconstrução dos laços comunitários, a recuperação da gentileza no trato com os outros; recuperação igualmente da compreensão, do consentimento coletivo. Onde há perdão e os recomeços, há Páscoa.

Donde igualmente a luta por saudáveis arranjos sociais de bem-viver. É quando Ele se junta a nós pelo caminho de forma incrível. Lc 24,2. Ele é presença. A ressurreição de Jesus pode ser abortada em nós se não refazemos os laços de família, ao menos uma vez cada ano, pela páscoa da ressurreição. O mesmo ocorre com os laços sociais.

É preciso servir uns aos outros o pão quentinho do companheirismo, o Pão cozido no fogo da Palavra que purifica e abençoa. Este pão confirma mentes e corações na trilha dos recomeços incessantes, trilhas do amor companheiro. Lc 24,32.

Experimentemos a Ressurreição acontecendo já em nós, germinando. Eis o tempo favorável! Um puro estado de alerta que cria pequenas renúncias para crescermos na liberdade interior de amar os outros como a nós mesmos. Então, **feliz páscoa, irmão (ã)**! Nisto vai todo o sentido da vida: a divinização do humano. A começar em casa. Por Jesus, em Jesus, com Jesus ressuscitado.

**Assessor do MFC-Brasil 1980-1986*



MUNDO: RESGATAR O QUE PERDEMOS

Leonardo Boff*

Durante a Eco-92 no Rio de Janeiro, 1600 cientistas entre os quais havia 102 Prêmio Nobel de 70 países lançaram o documento Apelo dos cientistas do mundo à humanidade. Ai diziam: "Os seres humanos e o mundo natural seguem uma trajetória de colisão. As atividades humanas desprezam violentamente e, às vezes, de forma irreversível o meio ambiente e os recursos vitais. Urge mudanças fundamentais se quisermos evitar a colisão que o atual rumo nos conduz". Foi uma voz pronunciada no deserto. Mas agora, no contexto atual, quando os dados empíricos apontam as graves ameaças que pesam

sobre o sistema da vida, elas ganham atualidade. Não convém menosprezar o valor daquele apelo.

Podemos alimentar duas atitudes face à crise ecológica: apontar os erros cometidos no passado que nos levaram à presente situação ou resgatar os valores, os sonhos e as experiências que deixamos para trás e que podem ser úteis para a invenção do novo. Prefiro esta segunda atitude. Por isso, importa fazer uma reescritura do momento presente, elencando mais que aprofundando dez pontos cruciais.

O **primeiro** é resgatar o princípio da re-ligação: todos os seres, especialmente, os vivos, são interdependentes e

são expressão da vitalidade do Todo que é o sistema-Terra. Por isso todos temos um destino compartilhado e comum.

O **segundo** é reconhecer que a Terra é finita, um sistema fechado como uma nave espacial, com recursos escassos.

O **terceiro** é entender que a sustentabilidade global só será garantida mediante o respeito aos ciclos naturais, consumindo com racionalidade os recursos não renováveis e dar tempo à natureza para regenerar os renováveis.

O **quarto** é o valor da biodiversidade, pois é ela que garante a vida como um todo pois propicia a cooperação de todos com todos em vista da sobrevivência comum.

O **quinto** é o valor das diferenças culturais, pois todas elas mostram a versatilidade da essência humana e nos enriquecem a todos, pois tudo no humano é complementar.

O **sexto** é exigir que a ciência se faça com consciência e seja submetida a critérios éticos para que suas conquistas beneficiem mais à vida e à humanidade que ao mercado.

O **sétimo** é superar o pensamento único da ciência e valorizar os saberes cotidianos, das culturas originárias e do

mundo agrário porque ajudam na busca de soluções globais.

O **oitavo** é valorizar as virtualidades contidas no pequeno e no que vem de baixo, pois nelas podem estar contidas soluções globais, bem explicadas pelo efeito borboleta.

O **nono** é dar centralidade à equidade e ao bem comum, pois as conquistas humanas devem beneficiar a todos e não como atualmente, a apenas 18% da humanidade.

O **décimo**, o mais importante, é resgatar os direitos do coração, os afetos e a razão cordial que foram relegados pelo modelo racionalista e é onde reside o nicho dos valores.

Estes pontos representam visões humanas que não podem ser desperdiçadas, pois incorporam valores que poderão alimentar novos sonhos, nutrir nosso imaginário e principalmente fomentar práticas alternativas. Somos seres que esquecem e recordam e que sempre podem resgatar o que não pôde ter oportunidade no passado e dar-lhe agora chance de realização. Por aí, quem sabe, encontraremos uma saída para a crucificante crise atual.

**Teólogo. Membro da Comissão da Carta da Terra*

COLABORAÇÕES SÃO BEM-VINDAS

Uma das maiores dificuldades com que a redação se defronta é obter ilustrações de livre acesso para os textos e para a capa.

Supondo que nas famílias de nossos assinantes possam se encontrar algumas pessoas com pendores artísticos, interessadas em divulgar seus trabalhos e colaborar conosco, estamos abrindo espaço para essa participação.

Aos autores das colaborações que vierem a ser aproveitadas brindaremos com assinaturas da revista ou exemplares de obras por nós distribuídas.

Além de nos sentirmos honrados e agradecidos com as colaborações que recebermos, acreditamos que os autores também possam se sentir prestigiados ao verem seus trabalhos divulgados em nossa apreciada revista.

A Redação

AVISO AOS ASSINANTES

IMPORTANTE

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** um dos envelopes de depósito ou o boleto bancário que lhe for encaminhado
2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR** pelo telefax (32) 3218.4239 ou pelo E-mail: livraria.mfc@gmail.com
3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.
4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago juntamente com os envelopes bancários e/ou boleto para renovação.
5. Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como nosso assinante.